

SEGUNDO CICLO DE ESTUDOS
CRIMINOLOGIA

Violência no namoro online e offline: Prevalência e impacto numa amostra de estudantes do ensino superior

Sofia Alves da Graça

M

2024

Dissertação apresentada à Faculdade de Direito da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Criminologia elaborada sob orientação da Professora Doutora Rosa Saavedra e coorientação da Professora Doutora Sónia Caridade.



Resumo:

A violência no namoro é um problema alarmante. Este estudo analisou a prevalência e o impacto da violência no namoro, tanto online como offline, numa amostra de 120 estudantes do ensino superior, com idades entre os 18 e 41 anos ($M=24.02$, $DP=5.829$), sendo a maioria mulheres (75.8%).

A recolha de dados foi realizada através de um questionário online, que incluiu dados sociodemográficos e instrumentos específicos para avaliar a violência no namoro offline (CADRI-S), a violência no namoro online (CibAN; *Cyberdating Q_A Scale*) e o seu impacto nas vítimas (BSI; PCL-5).

Em termos de resultados, a violência no namoro offline foi identificada como sendo a mais prevalente, quer em termos de vitimação, quer em termos de perpetração. Uma parte significativa dos participantes relatou ter experienciado formas de violência no namoro online, como controlo online (48.3%) e ciúme online (46.7%). Em termos de perpetração, o controlo online e o ciúme online foram as violências mais perpetradas, com 55% e 47.5%, respetivamente. O abuso verbal foi a forma mais comum de violência offline, tanto em termos de perpetração (60.8%) como de vitimação (58.3%). Quanto ao impacto, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre vítimas e não vítimas de violência offline. No entanto, as vítimas de violência online reportaram níveis mais elevados de depressão e de sintomas de PTSD.

Palavras-chave: violência no namoro online; violência no namoro offline; vitimação; perpetração; impacto

Abstract:

Dating violence is an alarming problem. This study analyzed the prevalence and impact of dating violence, both online and offline, in a sample of 120 higher education students aged between 18 and 41 ($M=24.02$, $SD=5.829$), the majority of whom were women (75.8%).

Data was collected using an online questionnaire, which included sociodemographic data and specific instruments to assess offline dating violence (CADRI-S), online dating violence (CibAN; Cyberdating Q_A Scale) and its impact on victims (BSI; PCL-5).

In terms of results, offline dating violence was identified as the most prevalent, both in terms of victimization and perpetration. A significant portion of the participants reported experiencing forms of online dating violence, such as online control (48.3%) and online jealousy (46.7%). In terms of perpetration, online control and online jealousy were the most perpetrated violence, with 55% and 47.5% respectively. Verbal abuse was the most reported common form of offline violence, both in terms of perpetration (60.8%) and victimization (58.3%). In terms of impact, no statistically significant differences were found between victims and non-victims of offline violence. However, victims of online violence reported higher levels of depression and PTSD symptoms.

Key-words: online dating violence; offline dating violence; victimization; perpetration; impact

Agradecimentos

Inicialmente, quero agradecer aos meus pais por me apoiarem sempre em todas as etapas da minha vida, pela compreensão, pela motivação, pelas reprimendas, pelas palavras carinhosas e encorajadoras que me deram sempre que necessitei, especialmente, neste período tão atribulado da minha vida, em que muitas vezes pensei em desistir, mas que nunca me deixaram porque me mostraram que eu consigo ultrapassar os obstáculos que me foram impostos. Agradeço-lhes também por fazerem de mim a pessoa que sou hoje.

Agradeço também às minhas avós pelo apoio que me deram desde sempre e por fazerem parte da minha vida.

Um especial agradecimento à professora Doutora Rosa Saavedra, pela compreensão, pelas palavras alentadoras, pelo apoio e ajuda prestados, pela partilha de saberes e experiência e pelo mais importante, pela orientação que permitiu a realização desta dissertação.

À professora Doutora Sónia Caridade, por ter aceite ser minha coorientadora, pelo auxílio concedido, pela partilha de experiência, de saberes e de conteúdos que permitiram cumprir este meu objetivo.

Quero agradecer também ao meu namorado, ele é a pessoa que acredita em mim mesmo quando nem eu acredito, é a calma no meu pânico e na minha ansiedade, é aquele que está presente sempre que eu necessito, que me apoia com as suas palavras e ações, que tem sempre orgulho nas minhas conquistas, sem ele este período teria sido bem mais difícil.

Quero agradecer à Mariana pela ajuda prestada, pela paciência, pelos risos e pelos conselhos, nesta etapa da minha vida.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer aos meus amigos e amigas que me apoiaram sempre que necessitei, por estarem comigo nos bons e nos maus momentos, por me levantarem a moral, por me aconselharem, por me ouvirem, por não me deixarem desistir, pela presença deles e por fazerem parte da minha vida, pois sem o apoio deles seria mais complicado ultrapassar esta etapa académica.

Índice

Resumo:	i
Agradecimentos	iii
Índice de tabelas	v
Introdução	1
Capítulo I: Enquadramento Teórico	3
1. Definição e características da violência no namoro	3
2. Diferenciação entre violência online e offline	3
3. Estudos de Prevalência	6
4. Enquadramento legal nacional da violência no namoro	9
5. Dinâmicas e formas de violência	10
6. Modelos (Teorias) explicativos da violência no namoro	18
7. Fatores de risco e fatores de proteção	21
8. Impacto e consequências da violência no namoro	23
Capítulo II: Estudo empírico	27
Capítulo III – Resultados, discussão dos resultados e conclusão	33
Legislação	47
Referências Bibliográficas	48
Anexos	66
Anexo 1. Questionário	67

Índice de tabelas

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos participantes.....	29
Tabela 2 - Prevalência da violência offline e online.....	33
Tabela 3 - Prevalência de formas de violência online e offline.....	35
Tabela 4 – Correlação entre as diferentes tipologias de abuso.....	37
Tabela 5 - Vitimação nas relações de intimidade offline e online.....	38
Tabela 6 - Perpetração nas relações de intimidade offline e online.....	38
Tabela 7 - Impacto da Violência no namoro offline, em função da experiência de vitimação.....	39
Tabela 8 - Impacto da Violência no namoro online, em função da experiência de vitimação.....	39

Introdução

A violência no namoro tem sido identificada como um problema social preocupante e tem adquirido visibilidade científica e social, designadamente, por ser percebida, como um preditor da violência conjugal (Caridade, 2011, cit. in Martins, 2020).

Esta realidade não é um fenómeno exclusivo da adolescência, podendo também ser identificada entre casais de jovens adultos. Por isso, é inequívoca a relevância do estudo da violência nos relacionamentos de namoro, tanto pela sua preocupante prevalência, como também pelo seu impacto e também pelas consequências na saúde física e psicológica das vítimas (Breiding et al., 2008; Cunradi et al., 2002). A prevalência e o impacto são áreas de análise central nesta investigação.

Santos (2015) afirma que há indivíduos que não compreendem que a violência no namoro é um crime e que o agressor pode ser detido por esse ato. Refere ainda que existe falta de conhecimento sobre esta temática, e que os comportamentos abusivos nas relações de namoro continuam a acontecer. O aumento de informação e de conhecimento sobre o tema poderá também ajudar a desocultar este problema, designadamente, através da promoção da denúncia apresentada por parte das vítimas deste tipo de violência, bem como de terceiros que possam ter conhecimento da sua ocorrência.

A presente dissertação tem como objetivo estudar a problemática da violência no namoro, nos seus contextos online e offline, mais concretamente, a prevalência e o impacto da mesma numa amostra de estudantes do ensino superior.

Do ponto de vista estrutural, esta tese de mestrado encontra-se dividida em três capítulos. O primeiro capítulo enquadra teoricamente aspetos fundamentais para a análise do fenómeno, sistematizando a revisão da literatura realizada. Serão ainda definidos os conceitos de violência no namoro online e offline, o seu enquadramento legal, as dinâmicas e formas da violência que caracterizam estes fenómenos, o impacto da violência nas suas vítimas, os seus fatores de risco e de proteção, bem como os modelos explicativos da violência no namoro. Serão ainda apresentados estudos de prevalência relativos a esta problemática.

No segundo capítulo serão fundamentadas as opções metodológicas, em particular, no que concerne aos objetivos de investigação, amostra, recolha de dados, tratamento e análise dos mesmos.

No terceiro e último capítulo serão elaboradas a análise/discussão de resultados, com a finalidade de enquadrar teoricamente os resultados empíricos obtidos e as considerações

finais/conclusões da presente investigação, com uma síntese dos resultados obtidos e identificação, bem como das limitações/dificuldades sentidas na elaboração da investigação, das recomendações para futuras investigações e das implicações do estudo.

Capítulo I: Enquadramento Teórico

1. Definição e características da violência no namoro

De acordo com Gracia-Leiva et al. (2020), a violência no namoro é um problema social e de saúde pública, referindo-se a qualquer agressão física, sexual ou psicológica cometida por um membro de um casal contra o outro. Assim, no ponto de vista de Cornelius e Resseguie (2007), a violência no namoro acontece quando um dos parceiros é magoado ou controlado pelo outro.

Segundo Sugarman e Hotaling (1989), a violência no namoro pode ser definida como *“a ameaça ou a utilização de abuso físico, sexual ou verbal por pelo menos um membro de um casal sobre o outro membro, no contexto de uma relação de namoro”* (p.365). Em conformidade com Shorey et al. (2011) a violência no namoro ocorre quando um ou ambos os parceiros praticam um ato abusivo no contexto da sua relação, tendo como finalidade controlar, dominar e exercer maior poder sobre o outro indivíduo.

A violência nas relações de intimidade é um fenómeno universal que pode ter lugar em todas as classes socioeconómicas e em todos os grupos étnicos. Esta realidade engloba uma série de experiências desde o primeiro encontro até à coabitação e pode acontecer tanto em relacionamentos heterossexuais como em relacionamentos homossexuais, sendo que tanto pessoas do sexo masculino como do sexo feminino podem ser vítimas ou agressoras (OMS, 2014). As condutas violentas podem manifestar-se de forma subtil, como a violência emocional ou a ofensa verbal; outras vezes, através do exercício da agressão física e sexual (Cornelius & Resseguie, 2007). De acordo com Leen et al. (2013) os atos violentos podem assumir diversas formas, porém, a violência psicológica é a mais frequente.

Os autores Ramisetty-Mikler et al. (2006), referem que não existe um consenso universal sobre a definição de violência no namoro, contudo, um elemento-chave deste tipo de violência parece ser a tentativa de um membro de um casal controlar o outro e este comportamento resultar em danos para o que é controlado (Wekerle & Wolfe, 1999).

2. Diferenciação entre violência online e offline

A violência no namoro, no seu formato mais convencional, realiza-se “cara a cara”, naquilo a que designaremos por “modo offline”, referem-se a crimes e abusos que ocorrem no mundo físico, incluindo comportamentos abusivos como deitar fora ou destruir objetos

significativos para a vítima, bater, morder, empurrar, perseguir impedir de se deslocar livremente, forçar à realização de práticas sexuais. Todavia, o exercício de violência também pode ocorrer através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), designando-se por violência no namoro online. Este fenómeno compreende uma série de comportamentos que incluem, por exemplo, a tentativa de controlar um parceiro ou ex-parceiro utilizando meios eletrónicos (Burke et al., 2011; Tokunaga, 2011) e o envio de mensagens ofensivas ou ameaçadoras através destes canais (Zweig et al., 2013).

Com efeito, a progressiva utilização das tecnologias digitais pelos jovens transformou os ambientes onde estes estão inseridos, tanto numa oportunidade como num risco (Stonard, 2018). Atualmente, as redes sociais e as práticas digitais dos jovens ocupam demasiado do seu tempo, sendo que o mundo virtual proporcionou aos indivíduos novos espaços de socialização, que se tornaram contextos bastante interessantes para iniciar novas relações interpessoais, uma vez que possibilitam a utilização de inúmeros instrumentos digitais e tecnológicos (Saial, 2020). Mas, ainda que este mundo digital tenha proporcionado imensos benefícios e vantagens, também proporcionou uma maior vulnerabilidade e uma maior possibilidade de intrusão interpessoal nas pessoas que os utilizam (Finn & Banach, 2000; Kandell, 1998; Spitzberg & Hoobler, 2002). Neste contexto de alargamento dos canais de comunicação, o abuso online tornou-se um problema de saúde pública (David-Ferdon & Hertz, 2007; Patton et al., 2014) com graves implicações para o ajustamento e para a saúde dos adolescentes (Sargent et al., 2016). À medida que a tecnologia permite novas formas de comunicação nos relacionamentos amorosos, aumentam também as oportunidades de abuso. Ao comparar a vitimação offline com a online, percebe-se que existem diferenças significativas na execução dos crimes. Posto isto, a violência online pode atingir rapidamente uma escala global, enquanto a violência offline é mais localizada, causando frequentemente danos físicos diretos (Almeida, s/d).

É importante referir que as duas violências podem estar relacionadas, por exemplo, as publicações de informações privadas online podem provocar ameaças físicas e a violência física pode ser antecedida de assédio online (Almeida, s/d).

De acordo com Borrajo et al. (2015), o abuso online envolve elementos específicos, tais como a partilha não consentida, através da internet, de fotografias ou vídeos constrangedores da/o namorada/o, a consulta e utilização das redes sociais das/os parceiras/os sem o seu conhecimento ou a utilização das tecnologias para controlar ou assediar a/o parceira/o.

Os estudos desenvolvidos nesta área revelaram a presença de dois tipos básicos de abuso no namoro online, sendo estes a agressão direta e o controlo (Bennet et al., 2011; Borrajo et al.,

2015; Burke et al., 2011). O controlo refere-se a um comportamento que se destina a monitorizar ou controlar como, por exemplo, visitar frequentemente o perfil da rede social da vítima. A vigilância/monitorização pode ser utilizada em fases iniciais ou intermédias de um novo relacionamento, com o intuito de obter mais informação sobre a pessoa (Tokunaga, 2011).

Segundo Doucette et al. (2018), as formas de abuso online nas relações podem ser secretas ou evidentes, ou seja, a vítima pode nem ter consciência de que é vítima do abuso (por exemplo, nos casos da monitorização cibernética ou a espionagem).

Torna-se cada vez mais claro que, tal como as famílias, os colegas e as escolas, os mundos digitais também devem ser considerados como um contexto social no qual os adolescentes se movimentam e desenvolvem. Através das redes sociais, os adolescentes constroem e co-constroem os seus ambientes, ligando os seus mundos online e offline (Machimbarrena et al., 2018). Deste modo, os mundos digitais podem servir como um *playground* para tarefas de desenvolvimento importantes da adolescência, como a sexualidade e a identidade. Porém, os adolescentes terão de lidar com os aspetos mais obscuros e desagradáveis da tecnologia (Subrahmanyam & Šmahel, 2011), durante um período de potencial vulnerabilidade psicológica (Salmela-Aro, cit. in Machimbarrena et al., 2018). Os meios digitais apresentam desafios únicos para a sexualidade, para a intimidade, para o comportamento agressivo e problemático e afetam rapazes e raparigas de formas diferentes (Subrahmanyam & Šmahel, 2011; Salmela-Aro, cit. in Machimbarrena et al., 2018). As características dos participantes, como o sexo e a idade, são uma questão importante quando se estuda o comportamento online, uma vez que os indivíduos mais novos são geralmente mais facilmente manipulados e controlados do que as pessoas com mais maturidade (normalmente os indivíduos mais velhos). É relevante referir o sexo quando se estuda o comportamento online, pois a maioria das vítimas são jovens do sexo feminino, e que, por oposição, o sexo mais perpetrador é o sexo masculino. Apesar de poder acontecer o inverso, esta é a realidade que mais prevalece (Carvalho, 2011).

Segundo Hellevik (2018), as vítimas de violência no namoro online salientam que as mensagens de texto abusivas que os parceiros enviavam eram mais cruéis do que quando o abuso era feito cara a cara, talvez pelo facto de a agressão ser mais fácil quando não existe contacto visual. É possível que os casais discutam através do telemóvel ou por mensagens, podendo estes também utilizar outros meios para enviar mensagens ofensivas ou para expressarem agressividade (Marganski & Melander, 2018). Ou seja, as pessoas quando praticam abuso online são menos inibidas, podendo escrever e enviar coisas que não

verbalizariam na “vida real” (Bocij, 2004; Chisholm, 2006; Ellison, 2001; cit. in Marganski & Melander, 2018; Li, 2006).

A correlação entre as experiências online e offline da vida, alteram as modalidades do ser e do viver. Assim, a internet incita alterações na forma de comunicar, descaracterizando uma cultura na qual havia uma diferença clara entre a comunicação oral e a comunicação escrita. A comunicação no contexto offline, pela sua maior informalidade, tem um forte ingrediente emocional, bem como interação entre gestos físicos e o tom de voz; neste contexto as palavras manifestam opiniões, e o alerta visual divulga emoções, caracterizando-se por ser direcionada às pessoas presentes. Porém, esta não tem hipótese de registro, tendo como marca essencial a lembrança da presença da pessoa. Já a escrita online, tem a possibilidade de ser elaborada e pensada de forma a criar impacto ao leitor, pois as tecnologias parceiras da internet quebram as fronteiras entre a comunicação oral e escrita, proporcionando uma nova forma de comunicar através da comunicação escrita, com textos rápidos e curtos. Contudo, distingue-se, também, da comunicação oral, por não existir a sensibilidade e a preocupação com o sentimento do outro, devido a não estar na presença do interlocutor. Para além disso, as mensagens, vídeos e fotografias online têm o potencial de se tornar permanentes nos arquivos das redes criando impactos mais duradouros, ao contrário das comunicações orais informais (Sorj et al., 2018).

3. Estudos de Prevalência

O primeiro estudo desenvolvido em Portugal sobre esta temática, foi uma investigação realizada por Paiva e Figueiredo (2004), onde se verificou que quer em circunstâncias de perpetração, quer de vitimação, a violência psicológica era a forma de violência mais prevalente na amostra (53.8-50.8%), seguindo-se a coerção sexual (18.9-25.6%), a violência física sem sequelas (16.7-15.4%) e, por fim, a violência física com sequelas é a menos presente (3.8-3.8%).

No estudo elaborado por Gracia-Leiva et al. (2020), os dados foram obtidos através da amostragem por conveniência. A amostra era formada por 1227 mulheres, com idades compreendidas entre os 13 e os 28 anos. Foram excluídos desta investigação relacionamentos homossexuais, relacionamentos com filhos e em regime de coabitação. Entre as inquiridas, 76% das adolescentes afirmaram ter sofrido alguma forma de violência no namoro offline, enquanto 68.8% referiram ter sofrido de violência no namoro online e 56.8% foram vítimas de violência nos dois contextos. Quase dois terços das inquiridas mencionaram ter sido vítimas de violência no namoro por distanciamento ou monitorização/controlo; pouco mais de metade referiu ter

sofrido de violência coerciva e cerca de um terço admitiu ter sofrido pelo menos uma agressão direta através da internet, bem como comportamentos humilhantes e agressões sexuais. Perto de 11% declararam ter sofrido maus-tratos físicos, 22.7% informaram ter ideações suicidas, 11.2% conversaram com alguém sobre suicídio e 8% tentaram tirar a própria vida.

O estudo elaborado pela Associação Plano i (2021), tinha como finalidade a caracterização das crenças dos estudantes do Ensino Superior acerca das relações sociais de género, a descrição dos comportamentos de violência no namoro sofridos e perpetrados, e a análise da proporção da violência sofrida e praticada nas relações de namoro. A amostra deste estudo era formada por 1322 participantes, dos quais 1160 dos participantes se identificam como mulheres, 153 como homens, 5 como pessoas não binárias e 4 não responderam. No que concerne à idade, a média dos participantes era de 22.46 anos.

Este estudo indicou que 53.1% dos indivíduos já sofreram pelo menos de um ato de violência no namoro e 32.4% já a praticaram. Mais especificamente, verificou-se que 49.9% das mulheres e 49.7% dos homens já vivenciaram violência psicológica; 12.2% das mulheres e 11.8% dos homens já experienciaram violência física; 28.7% das mulheres e 25.5% dos homens já sofreram violência social; 17.6% das mulheres e 10.5% dos homens experienciaram violência sexual; 1.6% das mulheres e 1.3% dos homens vivenciaram violência económica e por fim, 12.2% das mulheres e 6.5% dos homens mencionaram ter sido perseguidos.

No que diz respeito à perpetração em função do sexo, constata-se que 32.2% das mulheres e 34.6% dos homens já praticaram violência no namoro. Mais detalhadamente, 30.8% das mulheres e 33.3% dos homens mencionaram já ter praticado violência psicológica no relacionamento; 2.8% das mulheres e 1.3% dos homens já cometeram atos de violência física; 3.4% das mulheres e 7.2% dos homens confessaram ter praticado violência social; 0.7% das mulheres e 2% dos homens afirmam que praticaram violência sexual; 0.3% das mulheres já perpetraram violência económica contra o parceiro e, por último, 1.1% das mulheres e 2% dos homens referiram ter perseguido os companheiros.

Mais recentemente, foi publicado o estudo realizado pela UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta (2023), que está agrupado em duas dimensões: a “legitimação da violência no namoro pelas/os jovens” e a “prevalência de indicadores de vitimação nas relações de namoro”. A amostra deste estudo foi constituída por 5916 jovens, sendo que 3943 já tinham estado ou estavam à data do estudo numa relação. Os participantes deste estudo tinham idades compreendidas entre os 11 e os 25 anos de idade, sendo a idade média da amostra de 15 anos.

Nesta amostra 53.8% dos participantes eram do gênero feminino, 44% do gênero masculino, 1.4% identificam-se de outra forma e 0,8% não responderam.

No que diz respeito aos indicadores de prevalência da violência, 65.2% dos participantes do estudo reportaram ter vivenciado pelo menos um dos indicadores de vitimação, sendo estes: violência psicológica (45.1%), controle (44.6%), perseguição (23.3%), violência online (21.2%), violência sexual (14.9%) e violência física (12.2%). A respeito dos indicadores de vitimação os mais regulares foram insultar o parceiro/a durante uma discussão (35.4%) e através das redes sociais (19.5%), proibir de estar ou falar com alguém (25.3%), pressionar para beijar (10.1%) e ferir fisicamente sem deixar marcas (9.9%).

As especificidades do *cyber dating abuse* foram abordadas através do estudo realizado por Duerksen e Woodin (2019). Este foi constituído por 278 participantes (204 mulheres e 74 homens), recrutados numa universidade canadiana. Os critérios de inclusão para participar neste estudo, foram estar numa relação que não fosse à distância ou em coabitação, há pelo menos 3 meses; e ter idade compreendida entre os 17 e os 25 anos de idade. Dos participantes, 17.6% foram vítimas de violência no namoro presencial, enquanto 8.2% foram vítimas apenas de *cyber dating abuse*. A maioria dos participantes (62.5%) foram vítimas de violência no namoro tanto presencialmente como através das tecnologias de informação e por fim, 11.6% não reportaram qualquer tipo de vitimação.

Relativamente ao estudo realizado por Caridade e Braga (2019), constituído por 272 estudantes universitários (237 indivíduos do sexo feminino e 35 do sexo masculino), com uma média de idades de 28.41 anos, este tinha como critérios de inclusão estar envolvido numa relação amorosa no último ano e ter mais de 18 anos de idade. Dos participantes que declararam ter estado envolvidos, em relacionamentos amorosos, 59.2% relataram ter experienciado pelo menos algum tipo de *cyber dating abuse* e 66.9% assumiram ter perpetrado pelo menos um ato deste tipo de abuso.

No estudo realizado por Gracia-Leiva et al. (2020), como foi referido anteriormente, a amostra era composta por 1227 mulheres, com idades compreendidas entre os 13 e os 28 anos ($M=18.76$, $DT=2.82$), que têm, ou tiveram, uma relação de namoro com um parceiro masculino, não vivendo juntos e que não tivessem filhos ou quaisquer laços legais vinculativos. Neste estudo, 76% das adolescentes referiram ter experienciado alguma forma de violência no namoro presencial e 68.8% relataram ter vivenciado violência no namoro online ($\chi^2= 221.97$, $p=0.0001$). Além disso, 56.8% experienciaram ambos os tipos de violência, o presencial e o online. Quase dois terços das participantes referiram ter sido vítimas de violência no namoro

por distanciamento ou monitorização/controle. Pouco mais de metade das participantes mencionaram ter sofrido violência coerciva e cerca de um terço indicou ter sofrido pelo menos uma agressão direta através da Internet, bem como comportamentos humilhantes e agressões sexuais.

Através dos estudos acima mencionados, pode-se verificar que violência psicológica é a violência mais predominante, seguindo-se a coerção sexual e a violência física. Outro elemento relevante é o seu carácter bidirecional, isto é, a elevada reciprocidade entre a perpetração e a vitimação (Fernández-González et al., 2017). Com a evolução dos tempos e com o acesso facilitado à internet e às redes sociais os estudos revelam que a violência online começa a evidenciar-se de forma preocupante e intensa. No que diz respeito à agressão em função ao sexo, os estudos ainda informam, que os homens são aqueles que mais praticam estes atos. Por outro lado, é também demonstrado, nos estudos acima referidos que tanto homens como mulheres mencionaram ter adotado e sido alvo de comportamentos abusivos.

4. Enquadramento legal nacional da violência no namoro

Legalmente, a violência no namoro enquadra-se no crime da violência doméstica.

Apesar deste enquadramento atual, somente em 2013 é que a violência no namoro é criminalizada através da lei nº 19/2013 (Decreto-Lei nº 19/2013 de 21 de fevereiro), apresentada no artigo 152º do Código Penal na alínea b): *“a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda sem coabitação”*.

Passados cinco anos, em 2018, surge uma alteração ao Código Penal, que protege a parte jurídica penal relativamente à vida íntima exposta na internet. Tendo aprovação da Lei nº 44/2018, de 9 de agosto que *“Reforça a proteção jurídico-penal da intimidade da vida privada na Internet”*, sendo esta a quadragésima sexta alteração ao Código Penal, aprovado pelo Decreto-Lei nº 400/82, de 23 de setembro. Assim sendo, a alteração efetuada ao Código Penal, em relação à proteção da intimidade da vida privada na Internet está prevista no artigo 152º, nº2, alínea b): *“Difundir através da Internet ou de outros meios de difusão pública generalizada, dados pessoais, designadamente imagem ou som, relativos à intimidade da vida privada de uma das vítimas sem o seu consentimento; é punido com pena de prisão de dois a cinco anos.”*

Relativamente à violência no namoro com recurso a meios digitais, esta compreende-se como violência doméstica, estando definida no artigo 152º do Código Penal e como um crime

informático, sendo tipificada na Lei do Cibercrime. Também é considerado um cibercrime visto que o “lugar” onde o crime ocorre é no meio digital e a prova é recolhida digitalmente (Ribeiro, 2022).

Em Portugal, os crimes informáticos estão previstos na Lei n.º 109/2009, de 15 de setembro, sendo esta denominada de Lei do Cibercrime. De acordo com o artigo 11, nº1 da Lei do Cibercrime as disposições processuais previstas aplicam-se a processos relativos a crimes: *“Previstos na presente lei”*, a crimes *“Cometidos por meio de um sistema informático”* ou *“Em relação aos quais seja necessário proceder à recolha de prova em suporte eletrónico”*.

Nesta lei, a prova é digital, tanto que esta é definida como *“sendo toda a informação passível de ser obtida ou extraída de um dispositivo eletrónico (local, virtual ou remoto) ou de uma rede de comunicações”*. Para além disso, a prova é admissível, autêntica, precisa e concreta (Ramos, 2014, cit. in Ribeiro, 2015).

Atualmente, não existe uma lei universal que regule as redes sociais. Há propostas, a nível europeu, com a finalidade de as regularizar, protegendo assim a liberdade de expressão e os direitos fundamentais, reprimindo simultaneamente a censura e a desinformação (Parlamento Europeu, 2022). Segundo a Lei n.º 27/2021, de 17 de maio, o Estado Português aprova a Carta Portuguesa de Direitos Humanos na Era Digital. Além do mais, em conformidade com o artigo 2, nº1, a *“República Portuguesa participa no processo mundial de transformação da Internet num instrumento de conquista de liberdade, igualdade e justiça social e num espaço de promoção, proteção e livre exercício dos direitos humanos, com vista a uma inclusão social em ambiente digital”*.

5. Dinâmicas e formas de violência

A violência no namoro é explicada como um padrão de comportamento no âmbito de uma relação íntima, que provoca perigo físico, psicológico ou sexual. Inclui atos de abuso físico, psicológico, coerção sexual, comportamentos controladores e obsessivos. Está-se na presença de um ato de violência sempre que se adquiram os direitos das pessoas, revelando uma relação desigual e desproporcional de poder (Machado, 2010; WHO 2010).

Esta pode incluir inúmeras formas de abuso, desde aquilo a que podemos designar por “pequeno abuso”, como por exemplo ter ciúmes ou perseguir os parceiros nas redes sociais, até chegar a circunstâncias mais graves como o homicídio. Tende a caracterizar-se pelo aumento da frequência e severidade e pelo seu caráter cíclico (Barilari, 2007; Echeburúa & Corral, 1998; cit. in González-Ortega et al., 2008).

Segundo Paulino e Rodrigues (2016), cit. in Martins (2020), no caso da violência no namoro, é bastante pertinente os profissionais conhecerem as diferentes dinâmicas da violência, os seus efeitos e as suas consequências, pois estas dinâmicas são os instrumentos adequados para apoiar as vítimas de forma correta.

O caráter cíclico da violência, que Walker (1979), designou por ciclo da violência, é composto por 3 fases: a fase do aumento da tensão, a fase do ataque violento e, por último, a fase da lua de mel. De acordo com Pérez e Calvera (2013), em virtude desta dinâmica cíclica, considera-se que o início de cada fase implica a conclusão da fase anterior.

A primeira fase — aumento de tensão — é marcada pela presença da violência económica psicológica e verbal, esta traduz-se, muitas vezes, em agressões verbais, acusações, ameaças, intimidações e humilhações (Couto, 2013; Pérez & Calvera, 2013).

A segunda fase, denominada de fase do ataque violento, é marcada pela violência física, verbal e ainda pela violência sexual (Couto, 2013; Pérez & Calvera, 2013).

Por fim, a terceira fase, designada por “lua de mel”, é assinalada pelo arrependimento. Nesta, o agressor promete mudar a sua maneira de agir, dando assim esperança à vítima relativamente à sua mudança (Couto, 2013; Machado, 2010; Pérez & Calvera, 2013). Quando o objetivo de um relacionamento é não perder o parceiro, o medo provocado pela possibilidade dessa perda faz com que os abusos continuem a ser permitidos, pois os indivíduos desejam manter o relacionamento a qualquer custo (Pérez & Calvera, 2013).

Quando a vítima percebe que o seu relacionamento pode permanecer assim para sempre e que as promessas do agressor permanecerão para sempre promessas, ou seja, que nunca irá mudar, o ciclo quebra-se devido à mudança da vítima, tanto psicológica como física como, por exemplo, levando-a a pôr fim à relação

Os adolescentes que se encontram em relacionamentos amorosos abusivos experienciam inúmeras formas de abuso como, por exemplo, o abuso físico, psicológico, verbal e sexual. A violência entre os mais jovens é bastante abordada em investigações, porém, atualmente, é mais notória e perceptível a sua verdadeira dimensão, porque esta manteve-se na invisibilidade durante anos (Caridade & Machado, 2006). Posto isto, podemos afirmar que somente há relativamente poucos anos é que a violência no namoro começou a ser vista como crime e motivo de preocupação por parte da sociedade. Tal como só há poucos anos é que este crime teve reconhecimento legal. De seguida, serão brevemente descritas as diferentes formas de violência.

5.1 Violência Psicológica

De acordo com Albano et al. (2016), a violência psicológica consiste em menosprezar, inferiorizar, depreciar, culpabilizar, ofender ou rebaixar a vítima, em privado ou em público, por palavras ou por ações; ameaçar, abandonar, criticar negativamente todos os atos da vítima, a sua personalidade ou até as suas características físicas; vociferar/gritar; destruir objetos com significado para a mesma. Este tipo de agressão não deixa marcas visíveis no corpo mas, psicologicamente, pode deixar “marcas” para toda a vida, destruindo assim a autoconfiança e a autoestima da vítima. Este impacto dificulta a saída do ciclo da violência dado que legitima o agressor a manter o seu poder.

Segundo Leen et al. (2013), a violência psicológica consiste em humilhar e insultar o parceiro, bem como controlá-lo, impondo limites e restrições à sua autonomia para tomar as suas próprias decisões.

A violência psicológica tem sido definida de inúmeras formas, tais como, a *"inflição direta de danos mentais"* e *"ameaças ou limites ao bem-estar da vítima"* (p.103), segundo Gondolf (1987). Conforme Loring (1994, p.1), a violência psicológica é *"... um processo contínuo em que um indivíduo sistematicamente diminui e destrói o eu interior do outro. As ideias essenciais, sentimentos, percepções, e características de personalidade da vítima são constantemente depreciadas"*, cit in Mouradian (2000).

Segundo Toscano (2007), um exemplo bastante habitual da violência psicológica pode ser a pessoa agressora ameaçar que se suicida se a vítima terminar a relação. Esta estratégia pode ser realizada à distância, com recurso ao telemóvel, quando o casal cessa a relação, ou quando não é possível a ameaça através da agressão física. Estas ameaças são geralmente eficazes porque as vítimas receiam ter de lidar com sentimentos de culpa, caso isso aconteça. A seriedade destes abusos varia em virtude da dimensão da violência praticada sobre a vítima e, geralmente, é concomitante com outras formas de abuso, já que, sempre que existe violência física, assume-se existência de violência psicológica (Lourenço & Carvalho, 2001).

A pesquisa realizada por Halpern et al. (2001), com 7500 jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos, demonstrou que 1 em cada 5 jovens sofreram violência psicológica no namoro. Jackson et al. (2000) efetuaram um estudo constituído por 373 jovens, com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos, no qual 163 (81.5%) estudantes do sexo feminino e 132 (76.3%) do sexo masculino relataram ter sido insultados num relacionamento.

Algumas das estratégias mais usuais no âmbito da violência psicológica são o isolamento, a perseguição, a intimidação e o desprezo (Wekerle & Wolfe, 1999), que serão explicadas de seguida.

Segundo Mouradian (2000), o isolamento da vítima intensifica o poder que a pessoa agressora exerce sobre a mesma e também o protege. Uma vítima isolada é mais influenciável e vulnerável do que uma vítima com uma rede de apoio familiar e social (Albano et al., 2016). O isolamento ocorre principalmente quando a pessoa agressora incentiva a vítima a pôr o fim a vínculos com os seus amigos ou familiares. É usual usarem frases que transmitam a mensagem de que o casal só necessita um do outro ou, então, minimizam as pessoas com quem a vítima estabelece conexões. É também bastante “normal” que a vítima termine os relacionamentos de amizade com indivíduos do sexo oposto. Isto acontece porque a pessoa agressora manifesta que este tipo de relações não são adequadas, fazendo com que a vítima se sinta culpada (Smith & Donnelly, 2000). Porém, a vítima pode também acabar por se distanciar de pessoas amigas por ter vergonha ou por não querer expor ferimentos resultantes da violência sofrida (Albano et al., 2016).

Quanto à perseguição como forma de violência ao companheiro ou companheira, esta está frequentemente relacionada com a separação ou término de uma relação. Walker e Meloy (1998, p. 140), referiram que a perseguição associada a relacionamentos amorosos, é uma *“forma extrema de comportamento típico entre um casal [que atingiu o ponto de] monitorização, vigilância e possessão e [que] induz medo”*, cit. in Mouradian (2000).

Por fim, de acordo com Albano et al. (2016), a intimidação traduz-se em manter a vítima permanentemente com receio daquilo que a pessoa agressora lhe possa fazer a si, à sua família e a pessoas amigas. A pessoa agressora pode recorrer a palavras, olhares ou expressões faciais e exhibir ou mexer em objetos intimidantes (como, por exemplo, carregar uma arma). Através destas estratégias, a pessoa agressora é capaz de manter a vítima sob “controlo”, visto que, esta acaba por viver emergida pela aflição e pelo medo.

5.2. Violência Física

Segundo Albano et al. (2016), a violência física resulta da utilização da força física com a finalidade de provocar dano físico, deixando ou não marcas evidentes - abarca atos como empurrar, puxar o cabelo, dar estalos, socos, pontapés, asfixiar, dar cabeçadas, queimar, entre outros comportamentos, dos quais advêm sérias lesões, incapacidade permanente ou até mesmo a morte da vítima. Em concordância com Wekerle e Wolfe (1999), a violência física inclui

empurrar, bater, esmurrar ou asfixiar um indivíduo. Também é de destacar que, em casos extremos, neste tipo de violência, podem ser utilizadas armas brancas ou de fogo.

Em conformidade com Smith e Donnelly (2000), a violência física verifica-se numa relação em que a pessoa agressora considera que tem o direito de controlar o/a companheiro/a e emprega a violência física como um meio para conseguir o que pretende. Conforme Mouradian (2000) afirma, este comportamento destina-se a provocar dor física à vítima e pode incluir desde atos “menores” como esbofetear até atos graves que podem causar ferimentos graves ou até a morte. Os atos de violência física podem acontecer somente uma vez, raramente ou frequentemente num relacionamento. Contudo, quando esta forma de violência está presente tende a intensificar-se com o passar do tempo da relação, podendo cada ato tornar-se mais violento, mais repetitivo e, com o decurso do tempo, mais preocupante que o antecedente.

Muitas vítimas tentam esconder que são vítimas de violência física por parte do companheiro ou companheira e isto pode acontecer por vergonha, por medo, por não conhecerem os seus direitos, por dependerem da pessoa agressora, por falta de autoestima, entre outras razões. Porém esta forma de violência pode ser descoberta através da existência de hematomas, queimaduras, fraturas, cortes e lesões, podendo, em situações extremas, conduzir à morte da vítima.

No estudo já anteriormente mencionado, elaborado por Halpern et al. (2001), 12% dos participantes referiram ter sido vítimas de violência física. Sensivelmente 10% dos adolescentes relataram ter sido empurrados e 3% revelaram que já lhes havia sido atirado algum objeto. Refere-se ainda que cerca de 1 em cada 10 jovens já reportaram que sofreram de violência física, normalmente acompanhada de violência psicológica. Por outro lado, na investigação realizada por Jackson et al (2000), 17,5% das raparigas e 13,3% dos rapazes declararam ter sofrido, pelo menos, uma experiência de violência física no namoro.

5.3. Violência Sexual

Em concordância com Oliveira (2004), é considerada violência sexual todo o abuso, violação e assédio sexual. É a passagem à ação quando o outro não quer; é uma agressão focada na sexualidade do indivíduo, porém, atinge-o em todo o seu ser. Este tipo de violência é bastante complicada de provar, a não ser que seja associada a ferimentos físicos.

De acordo com Albano et al. (2016), a violência sexual inclui a obrigação de práticas de cariz sexual contra a vontade da vítima (violação, forçar a vítima a manter contactos sexuais com terceiros), utilizando ameaças e coação ou a força física. Outros procedimentos, como

amordaçar e queimar os órgãos sexuais da vítima são igualmente formas de violência sexual. A violação e a coação sexual são dos crimes sexuais mais prevalentes, todavia, bastantes vítimas, por força de crenças e princípios interiorizados, acabam por não os reconhecer como tal. A violência sexual abrange ainda a prostituição forçada pelo companheiro.

Segundo Danis e Anderson (2008), a violência sexual inclui a violação e o toque indesejado por parte de um agressor a uma vítima. Segundo Oliveira (2009), este tipo de violência pode não envolver contacto físico, podendo manifestar-se, através do assédio e discriminação sexual. A violência sexual não tem somente como consequências, ferimentos, infecções sexualmente transmitidas e gravidezes não desejadas, podendo as vítimas evidenciar sintomas de trauma a longo prazo, quer a nível físico quer psicológico.

Conforme Abraham (1999, p. 592) apresenta, a violência sexual define-se como “... *sexo sem consentimento, agressão sexual, violação, controlo sexual dos direitos reprodutivos, e todas as formas de manipulação sexual realizadas pelo agressor com a intenção de causar degradação emocional, sexual e física a outra pessoa*”.

Intrínsecos à violência sexual, estão atos como a violação, acompanhada de penetração vaginal, oral ou anal, executada através da força, muitas vezes, com recurso a ameaças, à coerção e à violência física (Searles & Berger, 1987 cit. in Koss, 1993). De acordo com Oliveira (2004), as formas de violência sexuais mais predominantes são as violações genitais, anais e orais. Além disso, são comuns os toques indesejados, os beijos forçados, a agressão em partes sensíveis e vulneráveis, a imposição de realizar relações sexuais com terceiros e em grupo, podendo, várias vezes, ocorrer penetração vaginal, anal ou até com a mão e com objetos.

Relativamente à prevalência desta forma de vitimação, no estudo anteriormente apresentado de Jackson et al. (2000), estes analisaram que 130 estudantes do sexo feminino (76.9%) e 91 estudantes do sexo masculino (67.4%) relataram ter experienciado uma ou mais atividades sexuais indesejadas.

5.4 Abuso Online

Esta tipologia de abuso surge descrita na literatura internacional como Cyber Dating Abuse, sendo definida por Zweig et al. (2014), como “*o controlo, o assédio, a perseguição e o abuso do parceiro de namoro através da tecnologia e das redes sociais*” (p. 1306). Tem sido defendido que este tipo de abuso pode ser considerado como uma forma de abuso psicológico que ocorre nas redes sociais, dado que estas duas formas de abuso englobam os mesmos comportamentos agressivos intencionais e táticas opressivas com a finalidade de ameaçar,

humilhar e controlar os parceiros, porém em contextos diferentes (Bennett et al., 2011; Korchmaros et al., 2013). Assim, o ofensor tem acesso à vítima em qualquer momento e, mesmo na sua ausência física, o agressor tem uma oportunidade de denegrir e rebaixar publicamente a vítima (Zweig et al., 2014).

Designa-se abuso digital no namoro, quando um parceiro utiliza as redes sociais e o telemóvel num padrão de comportamento para assediar, pressionar, coagir ou ameaçar a/o namorada/o ou ex-namorada/o (Reed et al., 2017; Reed et al., 2020). Os adolescentes e os jovens adultos são aqueles que mais utilizam tecnologia para comunicar entre eles, sendo esta forma de abuso bastante predominante nos relacionamentos amorosos (Jones & Fox, 2009; Leadbeater et al., 2018). As ações que podem demonstrar este tipo de abuso são diversas, tais como o uso do telemóvel ou de mensagens para controlar o companheiro, aceder aos equipamentos eletrónicos/redes sociais para controlar o parceiro sem a sua permissão, publicar fotografias depreciativas do parceiro, enviar mensagens ou áudios a ameaçar e a insultar, compartilhar/manipular conteúdos ou dados pessoais do companheiro, enviar fotografias ou mensagens indesejadas de conteúdo sexual e pressionar o parceiro para conseguir obter fotografias sexuais, sendo isto denominado de “sexual cyber abuse” (Draucker & Martsolf, 2010; Lu et al., 2020; Reed et al., 2020; Zweig et al., 2013).

Relativamente, ao *sexual cyber abuse*, um dos comportamentos mais comuns é o *sexting*. Segundo Wolak et al. (2012), os focos fundamentais na literatura sobre *sexting* são as possíveis implicações legais relacionadas com a produção, distribuição e posse de fotografias e vídeos sexualmente explícitos. Apesar de se pensar que a maior parte das mensagens de *sexting* é voluntária, existem estudos que exploram questões interligadas com o consentimento em relacionamentos sexuais e de namoro entre adolescentes (Englander, 2015 cit in. Kernsmith et al., 2018). Assim, a capacidade de consentir com o pedido de *sexting* de um parceiro é reduzida ou anulada quando o mesmo escolhe impor ou pressionar o parceiro a enviar mensagens de cariz sexual (Döring, 2014; Drouin & Tobin, 2014).

As interações online têm características que promovem e encorajam técnicas intimidatórias, tais como o controlo e a monitorização (Stephenson et al. 2018). Deste modo, a agressão pode acontecer a qualquer momento, tanto que a proximidade física com a vítima perde importância quando se está em contexto online. Além do mais, o agressor não observa a reação da vítima, podendo assim ser compensador e assim conseguir atenuar as consequências dos seus atos (Muñoz-Fernández & Sánchez-Jiménez, 2019).

A expressão *cyber dating abuse* é utilizada por Zweig et al. (2013) para se referir a abusos onde se utilizam a tecnologia, incluindo mensagens de texto, redes sociais e outros aparelhos eletrônicos para praticar abusos psicológicos contra a/o parceira/o. O *cyber dating abuse* é definido por Alvarez (2012) e Wick et al. (2017) como o uso das novas tecnologias para assediar, monitorizar, humilhar, ameaçar e isolar o parceiro. Outras formas bastante frequentes de abuso online são o envio de mensagens de texto, verificar o histórico online e o correio eletrónico, a monitorização das redes sociais e localizar o/a parceiro/a através do GPS (Wick et al., 2017).

Para além disso, estes indivíduos têm um acesso virtual constante aos seus amigos e uma partilha de informação bastante facilitada. Ainda que existam benefícios no uso das novas tecnologias, como a facilidade de comunicação, tem de se ter cuidado no uso das mesmas (Lee, 2009), pois estas resultam numa privacidade mínima, podendo facilitar o uso de comportamentos pouco saudáveis, como o controlo (King-Ries, 2011).

O abuso online, quando comparado com a violência no namoro dita “tradicional”, apresenta algumas particularidades: ao passo que, a violência no namoro presencial acontece entre indivíduos que se encontram na relação ou perante as pessoas que estão relacionadas ao círculo social do agressor e da vítima, a violência no namoro com apoio dos meios digitais permite que exista uma perpetração da violência, possibilitando o acesso da pessoa agressora à vítima, no decorrer e após o final da relação. Neste contexto, a pessoa agressora continua a ter contacto continuado com a vítima (tendo, como exemplo, o controlo das redes sociais ou o envio de mensagens sucessivo). Por sua vez, neste tipo de situação é bastante fácil partilhar qualquer conteúdo com os indivíduos que se encontram nos meios digitais (Leadbeater et al., 2018).

O estudo realizado por Caridade et al. (2020), analisou uma amostra de 173 adolescentes e jovens adultos portugueses, com uma média de idades de 25,36 anos. Entre os participantes que afirmaram ter vivenciado algum relacionamento amoroso, 40,2% declararam ter sofrido de algum tipo de abuso online; 42,2% afirmaram ter praticado pelo menos um ato de violência online. Num outro estudo efetuado por Borrajo et al. (2015), constituído por 433 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, cerca de metade dos estudantes afirmaram que tinham sido vítimas de algum tipo de abuso online.

6. Modelos (Teorias) explicativos da violência no namoro

São inúmeras as perspectivas que tentam clarificar e explicitar a violência nos relacionamentos amorosos, sendo estas as teorias e os modelos explicativos. Quando se fala em violência no namoro, Lawson (2012) demonstra que “*As teorias sociológicas da violência entre parceiros íntimos procuram explicar o comportamento violento em função das estruturas sociais e não como uma patologia individual*” (Lawson, 2012, p. 572). Segundo Lawson (2012), as teorias mais utilizadas pelos sociólogos estão agrupadas em dois grandes grupos sendo estes, as teorias da violência familiar e a teoria feminista. As teorias da violência familiar podem ser melhor compreendidas através da análise das estruturas sociais que contribuem para o recurso à violência (a família). Por outro lado, a teoria feminista reconhece a violência nos relacionamentos como uma dominação realizada pelos homens às mulheres, sendo esta baseada no género.

Posto isto, é pertinente evidenciar algumas teorias que estão agregadas às teorias da violência familiar, tais como as teorias da aprendizagem social e a teoria da vinculação, bem como é relevante indicar a teoria feminista.

Primeiramente, a aprendizagem é uma competência que pode ser caracterizada pela experiência vicariante, ou seja esta é aprendida fundamentalmente com os outros (Melo-Dias & Silva, 2019). A teoria da aprendizagem social é a explicação teórica mais frequente para os princípios de transmissão intergeracional. Assim sendo, esta teoria indica que a observação e o reforço do comportamento são dois fatores muito significativos no condicionamento do comportamento das pessoas que, se expostas a modelos de comportamento violentos, podem agir de forma agressiva (Delsol & Margolin, 2003).

De acordo com a teoria da aprendizagem social, a família é uma entidade que pode contribuir para que os jovens interiorizem valores ideológicos e sociais impulsionadores da violência. A família pode também ser compreendida como uma entidade que promove alguns comportamentos agressivos nos seus integrantes (Gelles, 1997). Segundo esta perspectiva, este tipo de violência seria aprendido pelas crianças e jovens que assistem a violência praticada pelos progenitores, sendo que no futuro estes jovens podem reproduzir alguns destes comportamentos, como vítimas ou como pessoas agressoras (Matos et al., 2006). Posto isto, acredita-se que esta aprendizagem ocorra através de um processo de modelagem, sendo que os jovens expostos a práticas parentais rigorosas podem posteriormente possuir um comportamento agressivo contra o seu/sua namorado/a (Luthra & Gidycz, 2003).

As exteriorizações dos comportamentos não são inevitavelmente replicadas pelos indivíduos que observaram algum tipo de conduta, ou seja, podem ser adotados comportamentos semelhantes ou comportamentos totalmente diferentes dos observados. As condutas aprendidas no meio familiar são frequentemente reproduzidas pelos jovens no contexto extrafamiliar, especialmente nos relacionamentos de namoro que criam. Deste modo, a teoria da aprendizagem social explica que a conduta da vítima e do agressor é influenciada pelos comportamentos que são presenciados no ambiente familiar (Banyard et al., 2000).

Desta forma, a observação das consequências positivas decorrentes da agressão aumentam a probabilidade de o comportamento ser reproduzido no futuro, isto é, quanto mais o jovem se identificar com o agressor, maior será a probabilidade de o jovem reproduzir as mesmas ações quando for mais velho (Delsol & Margolin, 2003).

Em concordância com Paiva e Figueiredo (2003), a teoria da vinculação é focada na emergência e no desenvolvimento dos “modelos internos dinâmicos” e na função que estes modelos exercem nas relações interpessoais criadas no decorrer da vida. Supostamente, cada indivíduo constrói “modelos internos dinâmicos”, baseados nas experiências de interação com as figuras relevantes ao longo da sua infância e estes constituem-se como guiões do seu comportamento interpessoal. Visto que é a partir destes modelos que as expectativas relativamente ao que se pode esperar de si mesmo e dos outros são estabelecidas, quando um relacionamento é efetivado.

A investigação no contexto da teoria da vinculação foca-se especialmente nas pessoas com um historial de cuidados inadequados e evidencia como essas experiências podem produzir padrões de vinculação inseguros que influenciam na qualidade das relações dos indivíduos até à idade adulta (Figueiredo et al., 2002, cit. in Paiva e Figueiredo, 2003).

Desta forma, esta teoria explica como as diferentes formas de relações saudáveis e não saudáveis originam adaptações razoáveis em circunstâncias sociais específicas. Conforme Hazan e Shaver (1987) afirmam, as relações saudáveis surgem como resultado de cuidados consistentes e responsivos, por outro lado, os relacionamentos que não são saudáveis resultam de uma educação infantil inconsistente, aversiva ou indiferente.

Em conclusão, de acordo com a teoria da vinculação, os pais e os pares são figuras bastante importantes durante a adolescência, pois são eles que dão apoio emocional quando necessário (Parker & Asher, 1993). Portanto, segundo Kobak et al. (2007) as figuras de

vinculação, são aquelas com quais os adolescentes sentem que podem confiar em situações de stress ou perigo.

Estudos realizados no contexto desta teoria demonstram que as crianças maltratadas manifestam frequentemente modelos representacionais “inseguros” quando são adultos (Alexander, 1993; Crittenden et al., 1991). É constatado também que os indivíduos com modelos representacionais “inseguros” têm uma maior dificuldade nas suas relações na idade adulta e são com maior frequência vítimas ou agressores nos seus relacionamentos amorosos (Wekerle & Wolfe, 1998). Portanto, a violência sofrida durante a infância pode indicar obstáculos nas relações íntimas do indivíduo pois estas podem promover o desenvolvimento de padrões inseguros de vinculação (Wekerle & Wolfe, 1998). Num estudo relativo aos relacionamentos entre adultos, constatou-se que os indivíduos que eram mais seguros de si descreviam as suas experiências amorosas mais marcantes como confiantes, amigáveis e amorosas e estas tinham tendência a serem relações duradoras. Em contrapartida, os indivíduos que se consideram inseguros descreveram que os seus relacionamentos mais marcantes como ciumentos e emocionalmente instáveis (Hazan & Shaver, 1987).

Em suma, segundo Shorey et al. (2008), os indivíduos com as características anteriormente referidas podem gravitar entre relacionamentos amorosos que correspondem às suas conceitualizações de si mesmos.

Segundo Rocha et al. (2010, p. 38), *“as teorias macrossociológicas, em especial as feministas, explicam, em nosso entender, porque é que no contexto da conjugalidade as mulheres são, tendencialmente, vítimas de violência perpetrada por homens”*.

Na teoria feminista, a violência é entendida como uma manifestação das estruturas de poder predominantes do domínio masculino e subserviência feminina, portanto, acredita-se que esta desigualdade pode levar a comportamentos violentos nos relacionamentos de namoro (Shorey et al., 2008). Esta teoria constata que *“O modelo feminista se baseia no princípio de que a violência de parceiros íntimos é o resultado da opressão masculina das mulheres dentro de um sistema patriarcal no qual os homens são os principais autores da violência e as mulheres as principais vítimas”* (p.818) (Dobash & Dobash, 1979; Walker, 1979, cit. in McPhail et al., 2007).

De acordo com Swigonski e Raheim (2011, p.10), as teorias feministas *“analisam as experiências das mulheres, articulam a natureza das relações sociais entre mulheres e homens, e fornecem explicações que apoiam os esforços para transformar estas relações sociais”*. Esta

abordagem foca-se na desigualdade de género na ordem social e nos elementos culturais e estruturais (Collins & Carmody, 2011), tendo em consideração que nos relacionamentos a violência de género constitui uma expressão interpessoal da desigualdade social (Dias, 2004, cit. in Oliveira, 2016).

Desta forma, as teorias feministas evidenciam a necessidade de concetualizar o papel da mulher na sociedade, pretendendo assim a tão desejada igualdade de género (Matos, 2000, cit. in Oliveira, 2016). Segundo Neves e Nogueira (2004), a procura de uma justiça social esteve na origem das teorias feministas, o combate pela emancipação das mulheres, num contexto hostil, fez com que as mulheres procurassem incrementar novos percursos de vida. Em suma, o modelo feminista *“reconhece a força, resiliência, e agência de mulheres e esforça-se por atingir os objetivos de empoderamento feminino e autodeterminação”* (McPhail et al., 2007, p. 818).

7. Fatores de risco e fatores de proteção

Segundo Azevedo (2013), é necessário compreender que os fatores de risco na violência no namoro são meros indicadores da eventualidade deste fenómeno se realizar, ou seja, os fatores de risco são aqueles que intensificam a probabilidade dos indivíduos se tornarem vítimas ou agressores num relacionamento (WHO, 2010).

Sendo assim, conforme Martins e Rodrigues (2022) afirmam, é urgente de analisar a relevância e a importância dos fatores de risco na vida dos jovens. De acordo com Ribeiro e Sani (2009), os fatores de risco podem ser categorizados em fatores de risco individuais, familiares, comunitários e escolares/de pares.

Em relação aos fatores de risco individuais, estes podem relacionar-se com o abuso sexual na infância, os comportamentos legitimadores da violência, o consumo de álcool, uma autoestima baixa, depressão, baixas capacidades comunicacionais e a violência interparental, visto que o indivíduo interioriza os comportamentos realizados pelos progenitores podendo reproduzi-los nos seus relacionamentos amorosos (Caridade & Machado, 2013). Em adultos, o género também deve ser classificado como um fator de risco, visto que, apesar de e experiência de vitimação poder ocorrer tanto em rapazes como em raparigas, existe uma maior prevalência da violência no sexo feminino (APAV, 2019).

Por outro lado, a idade também se pode considerar um fator de risco dado que as primeiras vivências de vitimação acontecem na adolescência (Martins, 2020), existindo um risco maior de vitimação para as crianças mais novas. O consumo de substâncias pode ser

apontado como um fator de risco, devido aos efeitos que pode ter no funcionamento do sistema nervoso da vítima, ou seja, podem colocar a vítima numa posição de debilidade em relação à pessoa agressora (Ribeiro & Sani, 2009). Finalmente, o envolvimento e a exposição à violência, as doenças no Sistema Nervoso Central, um baixo controlo comportamental, um elevado stress emocional e as crenças e atitudes antissociais também podem ser classificados como fatores de risco da vitimação da violência no namoro (Ribeiro & Sani, 2009).

Relativamente aos fatores familiares, Finkelhor (1993) demonstra que o estatuto socioeconómico é um fator de risco, visto que o maior número de denúncias surge normalmente em famílias mais desfavorecidas. Porém, isto não significa que este fenómeno não possa ocorrer em famílias mais privilegiadas. Também é apontada como fator de risco, a ausência de uma ou de ambas as figuras parentais. Segundo Ribeiro e Sani (2009), outros fatores de risco familiares são a não existência de limites definidos entre os progenitores e os filhos, a baixa vinculação emocional aos progenitores, as práticas disciplinares rígidas e autoritárias, o uso de substâncias e a violência presenciada pela criança no seio da própria família. Posto isto, de acordo com Foo e Margolin (1995), o comportamento de cada pessoa é definido pelo ambiente onde estão inseridos, especialmente pelos membros da sua família, através de técnicas como a observação, reforço, modelagem ou coação.

É importante referir que a pobreza e a desorganização da comunidade se apresentam como fatores de risco comunitários, uma vez que a comunidade pode ficar desprovida de meios e recursos que garantam uma maior proteção e supervisão aos jovens. Outros fatores de risco comunitários que se podem considerar são a baixa participação comunitária e o elevado nível de disrupção familiar (Ribeiro & Sani, 2009).

Finalmente, podem-se considerar como fatores de risco escolares/de pares a associação dos jovens com pares delinquentes, o envolvimento em gangs, a rejeição social por parte dos outros indivíduos, os resultados académicos baixos, a não existência de envolvimento em atividades comuns e o insucesso escolar (Ribeiro & Sani, 2009).

No que se refere aos fatores de proteção, estes são aqueles que reduzem a probabilidade de qualquer pessoa se tornar vítima ou agressor num relacionamento (WHO, 2010), isto é, estes possibilitam que os resultados prejudiciais da violência sejam suprimidos ou neutralizados (Ribeiro & Sani, 2009). Embora os fatores de proteção não sejam tão aprofundados na literatura como os fatores de risco, é também importante identificá-los e compreendê-los.

Segundo Ribeiro e Sani (2009), existem quatro tipos de fatores de proteção sendo estes os individuais, os familiares, os escolares/de pares e os comunitários.

No que diz respeito aos fatores de proteção individuais, destacam-se as atitudes intolerantes que os jovens têm face à violência, os resultados positivos escolares, a percepção de que têm o apoio social dos adultos e dos seus pares (Ribeiro & Sani, 2009), uma autoestima elevada, as competências verbais e comunicacionais, as competências de resolução de problemas e o sentido de humor (APAV, 2019).

Conforme Ribeiro e Sani (2009) indicam, podem considerar-se como fatores de proteção familiares, a ligação que os jovens têm com os seus familiares, a habilidade de discutirem os seus problemas com os pais, a prática de atividades em conjunto com os pais, a presença dos pais no quotidiano dos jovens e o envolvimento dos progenitores nas atividades dos filhos. Segundo a APAV (2019), são fatores de proteção familiares o ambiente familiar positivo, os estilos parentais positivos, uma estrutura e supervisão parental consistente, estabilidade económica e a saúde e bem-estar dos progenitores.

No que diz respeito aos fatores de proteção escolares/de pares, são considerados o ambiente escolar positivo, a existência de um adulto significativo no contexto extrafamiliar na vida do jovem, as relações positivas que os jovens mantêm com os seus pares, o envolvimento num relacionamento positivo, o compromisso do jovem com a escola e a sua motivação perante a mesma (Ribeiro & Sani, 2009).

Posto isto, de acordo com Gracia-Leiva et al. (2020), o apoio parental e dos amigos são definidos como dois sistemas de apoio independentes. Durante a adolescência, a procura do apoio parental diminui, aumentando o apoio por parte dos amigos (pares). Isto acontece, porque é durante esta altura que os adolescentes estabelecem relações fora da família e querem tornar-se mais independentes da orientação dos pais. No entanto, esta autonomia é regularmente estabelecida no contexto de relacionamentos próximos e de confiança com os pais. Por outro lado, a falta do apoio dos pais continua a ser o maior indicador de problemas psicológicos durante a adolescência (Helsen et al., 2000).

Por último, são considerados como fatores de proteção comunitários, a coesão social, a vivência do jovem em comunidades com constantes recursos económicos e um ambiente promotor de segurança e saúde (APAV, 2019; Ribeiro & Sani, 2009).

8. Impacto e consequências da violência no namoro

A violência no namoro é um problema muito grave entre adolescentes e jovens adultos sendo também um problema social e de saúde (Mars & Valdez, 2007). Apresenta-se como uma realidade inquietante, que pode criar na vítima sequelas graves a nível físico, psicológico,

emocional, comportamental, sexual e reprodutivo (Caridade & Machado, 2006), com impacto significativo na vítima, podendo resultar em inúmeros danos, a curto e a longo prazo (Glass et al., 2003). É indiscutível que os indivíduos que são vítimas de violência no namoro, manifestem mais sintomas físicos do que os indivíduos que mantêm relacionamentos saudáveis (Oliveira, 2011)

Os impactos mais comuns e preocupantes deste tipo de violência, são os relacionados com o bem-estar social e a saúde, tanto reprodutiva como mental (OMS, 2014). Existem, investigações que demonstram que a violência psicológica pode provocar impactos ainda mais prejudiciais e duradouros do que a violência física (Goldberg & Tomlanovich, 1984; Walker, 1994, cit. in Carvalho, 2010).

Estes podem ser também caracterizados como problemas de saúde mental, física, comportamental e profissional, ou seja, nos jovens podem revelar-se através do aproveitamento académico (Couto, 2013; Eaton et al. 2007). Podem ainda incluir distúrbios alimentares, stress pós-traumático, problemas emocionais, comportamentos sexuais de risco, sintomas depressivos, ideação suicida, comportamento delinquente, consequências de risco de vitimação nas relações adultas, normalização da violência, uso de substâncias e baixo desempenho académico (Coker et al., 2000; Eaton et al. 2007; Matos et al., 2006; Saldivia & Vizcarra, 2012; Sells & Blum, 1996; Silverman et al., 2001; Stein et al., 2009; Temple & Freeman Jr, 2011). Manita et al. (2009) enumeram vários fatores que contribuem para o impacto da violência nas vítimas tais como, os danos físicos, corporais e cerebrais; as alterações dos padrões de sono; as alterações da imagem corporal; os distúrbios cognitivos; os distúrbios de ansiedade; os medos e ataques de pânico; os sentimentos de vergonha, culpa e medo; a baixa autoestima; a dependência emocional e o isolamento social. Guerreiro et al. (s/d), identificou alguns impactos, como sofrer de ansiedade, pânico em relação à intimidade, maior propensão para o desenvolvimento de angústia emocional e perturbações mentais. Para além dos impactos anteriormente mencionados, de acordo com Manita et al. (2009), podem também ocorrer a nível relacional, como a dificuldade em manter relacionamentos com amigos e, em casos mais graves, podem levar à morte da vítima. Quanto ao relacionamento social, destaca-se a falta de interesse da vítima em atividades e hobbies nas quais tinham interesse anteriormente, o isolamento social e o absentismo escolar (Bossarte et al., 2008).

As raparigas adolescentes que foram vítimas de abusos nos seus relacionamentos revelaram que aumentaram o consumo de álcool, o consumo de tabaco e substâncias ilícitas, os sintomas depressivos e as ideações suicidas (Exner-Cortens et al., 2013). Estas experienciam

sentimentos de tristeza e desânimo, sendo que a vitimação nas raparigas pode levar a tentativas de suicídio, bem como a comportamentos sexuais de risco (Howard & Wang, 2003, cit. in Ferreira, 2011). O sexo feminino quando envolvido em violência no namoro é apontado como mais propenso a desenvolver Stress Pós-Traumático e comportamentos dissociativos (Callahan et al., 2003). Quanto aos rapazes adolescentes que foram alvo de violência no namoro, estes aumentaram o consumo de marijuana, experienciaram sentimentos de tristeza, ansiedade, depressão, stress pós-traumático começaram a ter ideações suicidas e comportamentos antissociais, quando comparados com os adolescentes que não foram vítimas (Callahan et al., 2003; Exner-Cortens et al., 2013; Howard & Wang, 2003, cit. in Ferreira, 2011). A experiência de violência no namoro durante a adolescência pode relacionar-se com alguns resultados de saúde prejudiciais, como a atividade sexual precoce, infeções sexualmente transmissíveis, gravidezes não planeadas e lesões físicas (Decker et al., 2005; Foshee et al., 2013).

Relativamente ao abuso online, o seu impacto deixa inúmeras marcas, tais como o isolamento, a depressão, a ansiedade, o uso de drogas, o baixo rendimento escolar e até mesmo a tentativa ou efetivação do ato suicida (Martinez, 2014; Tungate, 2014, cit in Flach & Deslandes, 2017).

Desta forma, refere-se que grande percentagem de vítimas de violência no namoro apresentam um perfil psicopatológico assinalado pelo transtorno de stress pós-traumático (Amor et al., 2002) com sintomas depressivos, ansiedade, fobias, ataques de pânico, transtorno obsessivo-compulsivo, baixa autoestima, sentimentos de culpa, consumo de álcool ou de outras substâncias (Carvalho, 2010).

Por outro lado, segundo Oliveira (2011), toda e qualquer ação violenta causa consequências sejam elas graves ou superficiais, portanto torna-se bastante importante saber reconhecer as consequências da violência no namoro. Deste modo, este conhecimento é proveitoso para reconhecer a violência quando a mesma não é divulgada, seja para intervir depois do acontecimento da mesma ou para participar em programas e ações de prevenção.

De acordo com a pesquisa de Oliveira (2011), são enumerados quatro tipos de consequências associadas à violência no namoro, sendo estas a nível físico, psicológico, emocionais e comportamentais.

De forma a entender-se melhor as consequências da violência no namoro, Oliveira (2011), descreveu-as da seguinte forma: as consequências físicas podem causar distúrbios alimentares, dificuldade em dormir e infeções sexualmente transmissíveis; as consequências psicológicas podem originar depressões, stress pós-traumático, dissociação, ansiedade e

ideações suicidas; as consequências emocionais geram ansiedade, medo, raiva e menor satisfação com a vida; por fim, as consequências comportamentais surgem do medo e do controle limitado (falta de uso de preservativo) levando a comportamentos sexuais inapropriados, comportamentos de controle de peso incorretos e inadequados.

Quanto mais grave o abuso, maior é o impacto sobre a saúde física e mental da vítima (Krug et al., 2002). Em relação às consequências psicológicas, emocionais e comportamentais, grande parte das vítimas tentam contrariar os problemas de saúde mental, como os transtornos internalizantes, nomeadamente a depressão, sentimentos de culpa, perda de confiança e o isolamento social, por outro lado existem também os transtornos externalizantes, tais como problemas de comportamento (Marquart et al., 2007, cit. in Herrman, 2009). Em concordância com Simões (2015), a maior parte das pessoas que experienciam violência no namoro tendem a apresentar sintomas de depressão e ansiedade, distúrbios alimentares, sentimentos de culpa, de vergonha e baixa autoestima, assim sendo as vítimas têm uma tendência para consumirem drogas, álcool e tabaco. Para além destas consequências as vítimas podem adotar comportamentos antissociais, distúrbios de stress pós-traumático e pensamentos suicidas. Como foi dito anteriormente, os jovens após vivenciarem algum tipo de violência no namoro, podem tentar o suicídio (Bossarte et al., 2008), outros podem consumir substâncias, com o intuito de conseguirem lidarem tanto com os ferimentos físicos como com os emocionais (Champion et al., 2008). A nível físico a vítima pode possuir lesões, contusões, fraturas e lacerações, relativamente a nível sexual podem apresentar distúrbios ginecológicos, infertilidade, complicações na gravidez ou abortos espontâneos e doenças sexualmente transmissíveis, posto isto, estas consequências podem levar a vítima à morte, sendo esta a pior consequência de todas as que foram referenciadas anteriormente.

Capítulo II: Estudo empírico

1. Objetivos da investigação

De acordo com os estudos mencionados anteriormente, vários jovens referiram ter sido vítimas ou perpetradores de violência no namoro. Estes atos podem incluir formas de violência psicológica, física, sexual, verbal, e também podem ocorrer manifestações de violência no namoro através do uso das redes sociais e das tecnologias de informação, sendo este denominado *de cyber dating abuse*. Embora existam alguns estudos no contexto português entre a violência no namoro online e a violência no namoro offline estes são limitados.

Desta forma, este estudo tem como objetivo principal: caracterizar a prevalência e o impacto da violência no namoro online e offline numa amostra de estudantes do ensino superior, mais especificamente, analisar a relação entre a violência no namoro online e offline e compreender as diferenças ao nível do impacto entre vítimas e não vítimas de violência online e offline.

Para tanto, e considerando que o nosso foco são os estudantes do ensino superior, formularam-se os seguintes objetivos específicos.

1. Analisar a prevalência da violência no namoro online e offline;
2. Analisar a prevalência das diferentes formas de violência nos contextos online e offline;
3. Analisar a relação entre a violência online e a violência offline;
4. Caracterizar o impacto da violência no namoro online e offline nas suas vítimas.

2. Metodologia

O processo de investigação empírica presente neste estudo foi de natureza quantitativa, sendo os dados recolhidos junto de uma população específica, através da aplicação de um questionário online com o objetivo de avaliar a prevalência e impacto da violência no namoro no contexto online e offline.

3. Amostra

Neste estudo é utilizada uma amostra por conveniência. O questionário foi aplicado a participantes com idade superior a 18 anos, que frequentam o ensino superior e que estejam a experienciar ou que tenham experienciado algum relacionamento de namoro, avaliando experiências de vitimação e perpetração.

Posto isto, neste estudo o universo populacional era constituído por 366 estudantes da Universidade do Porto, no entanto foram excluídos 244 participantes, esta exclusão aconteceu devido ao facto destes participantes não cumprirem todos os critérios de inclusão, sendo estes estarem ou terem estado num relacionamento amoroso, não se encontrarem na faixa etária definida, sendo esta compreendida entre os 18 e os 45 anos, nem terem concluído o questionário.

A amostra é composta por 120 estudantes da Universidade do Porto, sendo 91 (75.8%) deles indivíduos do sexo feminino, 28 (23.3%) do sexo masculino e 1 (0.8%) pessoa que não se identifica com nenhum dos sexos. A idade dos participantes varia entre os 18 e os 41 anos, tendo uma média de 24.02 e um desvio-padrão de 5.829. A amostra é caracterizada por 85 (70.8%) indivíduos heterossexuais, 21 (17.5%) bissexuais, 9 (7.5%) homossexuais e 5 (4.2%) pessoas que não se identificam com nenhuma destas orientações sexuais. A maioria da amostra tem nacionalidade portuguesa (86.7%) e é solteira (87.5%), havendo 14 (11.7%) pessoas casadas ou em união de facto e apenas 1 (0.8%) é divorciada/o. A maior parte dos inquiridos são somente estudantes (82.5%), enquanto 6 são trabalhadores por conta de outrem (5%), 5 são trabalhadores por conta própria (4.2%), 3 são desempregados (2.5%) e, por fim, 7 (5.8%) têm outra situação profissional. Quanto às habilitações literárias, a opção mais frequente é “Licenciatura” com 50 respostas (41.7%), de seguida “Ensino Secundário com 47 (39.2%); a opção “Mestrado” teve 21 resultados (17.5%), 1 (0.8%) pessoa respondeu “Doutoramento” e outra elegeu a opção “Outro” (0.8%). Quanto ao nível socioeconómico metade da amostra pertence à classe média (50%), 43 (35.8%) à classe de nível médio-baixo, 9 (7.5%) à classe de nível médio-alto, 7 (5.8%) de classe baixa e apenas 1 (0.8%) indivíduo é de classe alta. Finalmente, quanto à situação relacional 82 (68.3%) inquiridos encontram-se numa relação atualmente e 38 (31.7%) não estão numa relação, mas já tiveram no passado.

Tabela 1.*Perfil sociodemográfico dos participantes (n=120)*

Variáveis		N (%)
Sexo	Feminino	91 (75.8)
	Masculino	28 (23.3)
	Outro	1 (0.8)
Orientação Sexual	Heterossexual	85 (70.8)
	Bissexual	21 (17.5)
	Homossexual	9 (7.5)
	Outro	5 (4.2)
Nacionalidade	Portuguesa	104 (86.7)
	Dupla nacionalidade	7 (5.8)
	Outro	9 (7.5)
Habilitações Literárias	Ensino Secundário	47 (39.2)
	Licenciatura	50 (41.7)
	Mestrado	21 (17.5)
	Doutoramento	1 (0.8)
	Outro	1 (0.8)
Estado Civil	Solteiro	105 (87.5)
	Casado/a ou União de facto	14 (11.7)
	Divorciado	1 (0.8)
Situação Profissional	Estudante	99 (82.5)
	Trabalhador por conta de outrem	6 (5)
	Trabalhador por conta própria	5 (4.2)
	Desempregado	3 (2.5)
	Outro	7 (5.8)
Nível Socioeconómico	Baixo	7 (5.8)
	Médio-Baixo	43 (35.8)
	Médio	60 (50)
	Médio-Alto	9 (7.5)
	Alto	1 (0.8)
Situação Relacional	Sim, encontro-me numa relação atualmente	82 (68.3)
	Não possuo relação atual, mas já tive no passado	38 (31.7)

4. Instrumentos

A recolha de dados foi realizada através de um questionário online. Além de um breve questionário sociodemográfico, foram utilizados questionários relativos à violência offline (Conflict in Adolescents Dating Relationships Inventory – Short Form, CADRI-S) e violência online (Questionário sobre Ciberabuso no Namoro - CibAN e Questionário Ciberdating - Q_A)

e para avaliar o impacto nas vítimas foram aplicados o Inventário de Sintomas Psicopatológicos (Brief Symptoms Inventory – BSI) e o Posttraumatic Stress Disorder Checklist - PCL.

O primeiro instrumento de recolha de dados é o questionário sociodemográfico. Trata-se de uma ficha de autorrelato onde são recolhidas informações que permitam a caracterização da amostra em estudo, como a idade, o sexo, a nacionalidade, se possui experiência de envolvimento numa relação amorosa e qual a duração da mesma.

De seguida foi utilizado o ***Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory – Short Form (CADRI-S)*** (Wolfe et al., 2001), um instrumento que avalia a vitimação e perpetração de violência nos relacionamentos amorosos dos adolescentes; constituído por 10 itens, e as opções de resposta são: “nunca”, “raramente”, “às vezes”, “frequentemente” e “não se aplica”. Neste estudo, o α de Cronbach para o CADRI-S foi de 0.98, mostrando elevados níveis de consistência interna.

Foi utilizada a versão portuguesa do *Cyber Dating Abuse Questionnaire* (CDAQ), sendo este o **Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN)**. Este instrumento, validado por Caridade e Braga (2019), avalia a prevalência do ciberabuso nas relações de namoro, bem como a reciprocidade do mesmo, em termos de vitimação e perpetração. As opções de resposta são as seguintes: “Nunca. Isto nunca aconteceu na nossa relação amorosa”, “Não, no último ano, mas já aconteceu anteriormente”, “Raramente. Aconteceu 1 ou 2 vezes”, “Às vezes. Aconteceu entre 3 a 10 vezes”, “Frequentemente. Aconteceu entre 11 a 20 vezes” e “Muitas vezes. Aconteceu mais de 20 vezes”. Neste estudo, a fiabilidade do CibAN foi avaliada através da consistência interna pelo α de Cronbach, sendo o valor deste de 0.88. Relativamente aos fatores de vitimação, obteve-se um $\alpha=0.84$; quanto à perpetração, obteve-se um valor de $\alpha=0.76$.

Foi também aplicada a ***Cyberdating Q_A Scale*** (Sánchez et al., 2015), uma escala que tem como propósito estudar o modo como os adolescentes fazem uso das tecnologias nas suas relações amorosas. A escala é constituída por 28 perguntas avaliadas por uma escala Likert de 5 pontos (onde 0=nunca, e, 4=sempre), e pondera seis aspetos fundamentais da violência online: controlo online, ciúme online, comportamento intrusivo online, intimidade online e práticas de cyber stalking, que apresentam um alfa de Cronbach de $\alpha=0,83$, $\alpha=0.90$, $\alpha=0,80$, $\alpha=0,76$, $\alpha=0,84$ e $\alpha=0,54$, respetivamente. No presente estudo optamos apenas por analisar as dimensões relativa ao abuso.

O Inventário de Sintomas Psicopatológicos, adaptado para a população portuguesa por Canavarro em 1999 do ***Brief Symptom Inventory*** (BSI), avalia sintomas psicopatológicos com base em três dimensões: a Somatização, Depressão e Ansiedade. As opções de resposta foram

as seguintes: “Nunca”, “Poucas vezes”, “Algumas vezes”, “Muitas vezes” e “Muitíssimas vezes”. Neste estudo, estas dimensões apresentam um alfa de Cronbach de $\alpha=0.86$, $\alpha=0.89$ e $\alpha=0.87$, respetivamente, apresentando uma consistência interna adequada.

Por fim, foi aplicada a *Posttraumatic Stress Disorder Checklist* (PCL) que é uma medida de autorrelato utilizada para avaliar sintomas de PTSD (Blevins et al., 2015). Atualmente esta medida é denominada de PCL-5, e é formada por 20 itens, subdivididos em 4 subescalas, sendo estas os sintomas intrusivos, o evitamento, as alterações negativas na cognição e no humor e, por último, as alterações significativas da ativação e reatividade (Silva, 2018). O PCL-5 é medido através de uma escala Likert de 5 pontos (0=nada e 4=extremamente). Quanto à consistência interna do PCL-5, pode afirmar-se que a mesma é excelente, visto que o valor do α de Cronbach, neste estudo, é de 0.96.

5. Procedimentos de recolha de dados

Para o questionário ter uma amostra viável, o mesmo foi divulgado através dos canais de comunicação/disseminação da Universidade do Porto, pois com esta partilha consegue-se alcançar todas as faculdades desta Universidade. Para formalizar a recolha de dados foi solicitada autorização à Comissão de Ética da FDUP, sendo essa a primeira fase da investigação. Como em qualquer investigação científica, as orientações éticas devem ser estabelecidas primeiramente pelo investigador, uma vez que a ética define os limites que a ciência não pode extrapolar, mesmo em prol do conhecimento científico. Nesta investigação foram sempre asseguradas as cláusulas de segurança, tais como a confidencialidade e o anonimato referentes à identidade dos participantes que fazem parte do estudo e da premissa, que não cumprindo os critérios, não integrariam a amostra da investigação. Por essa razão, a utilização dos dados é reservada somente para esta investigação.

A recolha de dados foi realizada no Lime Survey, que é uma ferramenta de inquéritos online simples, rápida e anónima. Para a recolha de dados, a investigadora criou uma conta na plataforma e construiu o questionário. Após o questionário ter sido aprovado este foi implementado e enviado para todos os estudantes das faculdades da Universidade do Porto.

Antes de os participantes preencherem o questionário, foi apresentada uma breve descrição do estudo em causa, esclarecendo assim os objetivos, a confidencialidade/anonimato dos dados, a natureza voluntária das respostas e o tempo estimado para completar o questionário. Relativamente, ao consentimento informado, o mesmo foi disponibilizado e os participantes só preenchem o questionário se concordarem em participar no estudo, ou seja, se

concordarem com o consentimento informado. No que diz respeito, ao processo de tratamento e análise de dados, esta realizou-se, por meio do software IBM SPSS Statistics.

Quando o questionário foi encerrado, as respostas foram reunidas e importadas para a base de dados do IBM SPSS (versão 29). Seguidamente, foram selecionados somente os dados que preenchiam os requisitos de inclusão no estudo, estando estes referidos anteriormente no documento. Após a exclusão das respostas que não poderiam ser utilizadas, ficaram 120 questionários para analisar, sendo esta a amostra final do estudo. Assim que a análise foi efetuada, foram colocados em prática procedimentos para a análise estatística, realizando-se assim, uma análise descritiva e correlacional das variáveis sociodemográficas da amostra e dos instrumentos aplicados.

Capítulo III – Resultados, discussão dos resultados e conclusão

1. Resultados

Prevalência da violência no namoro online e offline

Neste ponto, iremos caracterizar a prevalência da violência no namoro. Esta incluirá uma análise detalhada da vitimação e perpetração, nos contextos de violência online e offline.

Tabela 2.

Prevalência da violência offline e online

		N	%
Violência offline			
Vitimação	Vítimas	73	60.8
	Não Vítimas	47	39.2
Perpetração	Perpetradores	73	60.8
	Não Perpetradores	47	39.2
Violência online			
Vitimação	Vítima	51	42.5
	Não Vítima	69	57.5
Perpetração	Perpetradores	64	53.3
	Não Perpetradores	56	46.7

A tabela 2 apresenta dados sobre vítimas e perpetradores, tanto offline quanto online. Especificamente, 73 (60.8%) indivíduos relataram terem sido vítimas de violência no namoro offline, e o mesmo número de participantes (73 – 60.8%) afirmou ter sido perpetrador. Além disso 51 (42.5%) dos participantes foram vítimas de violência no namoro online, enquanto 69 (57.5%) nunca experienciaram esse tipo de violência. Por outro lado, 64 (53.3%) dos inquiridos relataram terem sido perpetradores dessa violência. Portanto pode-se afirmar que, na nossa amostra, a maioria dos participantes se identificou como agressores/perpetradores de violência online.

Prevalência das diferentes tipologias de violência nos contextos online e offline

Neste estudo, foram examinadas as práticas de interação digital mais utilizadas, as formas mais frequentes de vitimação e perpetração de violência online e offline, as correlações entre as formas de violência online e offline, a prevalência de vitimação e perpetração nos diferentes tipos de violência e o impacto da violência nas vítimas. As práticas de interação

digital analisadas incluem: mensagens de texto, redes sociais, chamadas de voz e de vídeo, emails, jogos online, entre outras.

Tabela 3.

Prevalência de formas de violência online e offline

			N	%
Violência Online				
Vitimação	Controlo Online	Vítima	58	48.3
		Não Vítima	62	51.7
	Ciúme online	Vítima	56	46.7
		Não Vítima	64	53.3
	Comportamento intrusivo online	Vítima	39	32.5
		Não Vítima	81	67.5
Perpetração	Controlo Online	Perpetradores	66	55
		Não Perpetradores	54	45
	Ciúme online	Perpetradores	57	47.5
		Não perpetradores	63	52.5
	Comportamento intrusivo online	Perpetradores	35	29.2
		Não Perpetradores	85	70.8
Violência offline				
Vitimação	Abuso físico	Vítima	5	4.2
		Não Vítima	115	95.8
	Abuso sexual	Vítima	12	10
		Não Vítima	108	90
	Abuso relacional	Vítima	14	11.7
		Não Vítima	106	88.3
	Abuso verbal	Vítima	70	58.3
		Não Vítima	50	41.7
	Comportamento ameaçador	Vítima	7	5.8
		Não Vítima	113	94.2
Perpetração	Abuso físico	Perpetradores	5	4.2
		Não Perpetradores	115	95.8
	Abuso sexual	Perpetradores	6	5
		Não Perpetradores	114	95
	Abuso relacional	Perpetradores	9	7.5
		Não perpetradores	111	92.5
	Abuso verbal	Perpetradores	73	60.8
		Não Perpetradores	47	39.2
	Comportamento ameaçador	Perpetradores	7	5.8
		Não Perpetradores	113	94.2

A Tabela 3 apresenta a prevalência de diferentes formas de violência online e offline entre os participantes do estudo. Esta análise está dividida em duas secções principais: violência online e violência offline, cada uma com subsecções para os tipos específicos de violência identificados.

No contexto online, as formas de violência incluem o controle online, o ciúme online e o comportamento intrusivo online. Entre os participantes, 58 (48.3%) relataram terem sido vítimas de controle online, indicando uma divisão relativamente equilibrada entre vítimas e não vítimas deste tipo de violência. Além disso, 66 (55%) participantes admitiram serem perpetradores de controle online, sugerindo que essa é comum. Em relação ao ciúme online, 56 (46.7%) inquiridos relataram terem sido vítimas, enquanto 64 (53.3%) afirmaram nunca terem sofrido violência no namoro online relacionada com manifestações de ciúme. Quanto à perpetração, 57 (47.5%) participantes admitiram ter sido perpetradores de ciúmes online, enquanto 63 (52.5%) referiram nunca ter perpetrado esta forma de violência. Por fim, no que concerne ao comportamento intrusivo online, a maioria dos participantes (81 – 61.5%) mencionou que nunca foram vítimas dessa violência. Em termos de perpetração, a maioria (85 – 70.8%) também afirmou nunca ter perpetrado este tipo de violência.

No contexto offline, as formas de violência incluem o abuso físico, o abuso sexual, o abuso relacional, o abuso verbal e o comportamento ameaçador. No que diz respeito ao abuso físico, tanto a vitimação como a perpetração são relativamente baixas comparadas a outras formas de violência, pois 5 (4.1%) participantes relataram que foram vítimas de abuso físico e o mesmo número admitiram que perpetraram este tipo de violência, indicando que esta forma de violência pode ser menos comum entre os participantes da amostra. Relativamente ao abuso sexual, 12 (10%) participantes foram vítimas e 6 (4.9%) admitiram ter perpetrado este tipo de violência, sugerindo uma maior prevalência de vítimas em comparação com os perpetradores. No que se refere ao abuso relacional, 14 (11.6%) pessoas foram vítimas e 9 (7.4%) foram perpetradoras deste abuso, indicando uma prevalência significativa, porém menor que outras formas de violência. O abuso verbal é a forma de violência mais prevalente, com 70 (58.3%) a relatarem que foram vítimas e 73 (60.8%) a admitirem que perpetraram este tipo de abuso. Por fim, no que diz respeito ao comportamento ameaçador, o número de vítimas e de perpetradores é igual, com 7 (5.8%) em cada grupo.

Tabela 4.*Correlação entre as diferentes tipologias de abuso*

	1	2	3	4	5	6	7	8
1	-							
2	0.662**							
3	0.486**	0.514**						
4	0.364**	0.358**	0.377**					
5	0.683**	0.434**	0.501**	0.369**				
6	0.031	0.149	-0.015	0.241**	0.038			
7	0.143	0.137	0.045	0.192*	0.129	0.281**		
8	0.075	0.251**	0.119	0.346**	0.070	0.604**	0.262**	-

1 - Abuso físico; 2 – Abuso sexual; 3 - Abuso relacional; 4 - Abuso verbal; 5 - Comportamento ameaçador; 6 – Controlo online; 7 - Ciúme online; 8 - Comportamento intrusivo online; Nota ** $p < 0.01$; * $p < 0.05$

A Tabela 4 analisa a correlação entre as diferentes formas de violência offline e online, revelando que quase todas as formas de violência estão positivamente correlacionadas. Isto significa, por exemplo, que um aumento do controlo online, está associado a um aumento no abuso físico, assim como ocorre com outras variáveis. A única exceção é a correlação entre o controlo online e o abuso relacional, que é negativa ($r=-0.015$, $p<0.01$).

O abuso físico está positivamente correlacionado com o abuso sexual ($r=0.662$, $p<0.01$), com o abuso relacional ($r=0.486$, $p<0.01$), com o abuso verbal ($r=0.364$, $p<0.01$) e com o comportamento ameaçador ($r=0.683$, $p<0.01$). Relativamente ao abuso sexual, este está positivamente correlacionado com o abuso relacional ($r=0.514$, $p<0.01$), com o abuso verbal ($r=0.358$, $p<0.01$), com o comportamento ameaçador ($r=0.434$, $p<0.01$) e com o comportamento intrusivo online ($r=0.251$, $p<0.01$). O abuso relacional está estatisticamente correlacionado com o abuso verbal ($r=0.377$, $p<0.01$) e com o comportamento ameaçador ($r=0.501$, $p<0.01$). Observam-se correlações estatisticamente significativas entre o abuso verbal e o comportamento ameaçador ($r=0.369$, $p<0.01$), controlo online ($r=0.241$, $p<0.01$), ciúme online ($r=0.192$, $p<0.05$) e o comportamento intrusivo online ($r=0.346$, $p<0.01$). O controlo online apresenta correlações estatisticamente significativas com todas as formas de abuso online: ciúme online ($r=0.281$, $p<0.01$) e o comportamento intrusivo online ($r=0.604$, $p<0.01$). Por fim, o ciúme online está significativamente correlacionado com o comportamento intrusivo online ($r=0.262$, $p<0.01$). As demais correlações não são estatisticamente significativas ($p>0.05$).

Relação entre a violência online e a violência offline

Tabela 5.

Vitimação nas relações de intimidade offline e online

			Violência online		χ^2
			Não Vítima	Vítima	
			n (%)	n (%)	
Violência offline	Não Vítima	n (%)	34 (72.3)	13 (27.7)	6.963
	Vítima	n (%)	35 (47.9)	38 (52.1)	

Na análise dos dados apresentados na tabela 5, constatou-se que não há uma relação estatisticamente significativa entre a experiência de vitimação de violência no namoro online e a violência no namoro offline. O valor do qui-quadrado ($\chi^2=6.963$; $p>0.05$) não atingiu significância estatística, indicando que não existem evidências suficientes para estabelecer uma associação entre essas variáveis do estudo.

Tabela 6.

Perpetração nas relações de intimidade offline e online

			Violência online		χ^2
			Não Perpetrador	Perpetrador	
			n (%)	n (%)	
Violência offline	Não Perpetrador	n (%)	26 (55.3)	21 (44.7)	2.324
	Perpetrador	n (%)	30 (41.1)	43 (58.9)	

Os resultados apresentados na Tabela 6 demonstram que não existe uma relação estatisticamente significativa entre a perpetração de violência no namoro online e violência no namoro offline. O valor do qui-quadrado ($\chi^2=2.324$; $p>0.05$) não atingiu significância estatística, indicando que não há evidências suficientes para estabelecer uma associação entre essas variáveis no estudo.

Impacto da violência no namoro online e offline

Tabela 7.

Impacto da Violência no namoro offline, em função da experiência de vitimação

	Violência no namoro offline			
	Não Vítima*	Vítima**	Mann-Whitney	
	MR	MR	<i>U</i>	<i>p</i>
Somatização	64,72	57,78	1517,0	.283
Depressão	63,73	58,42	1563,5	.413
Ansiedade	66,69	56,51	1424,5	.117
Sintomas de PTSD	60,36	60,59	1709	.972

* este grupo inclui 47 indivíduos não vítimas ** este grupo inclui 73 indivíduos não vítimas

A tabela 7 apresenta os resultados do teste U de *Mann-Whitney*, que avalia as diferenças de médias do impacto da violência no namoro offline entre vítimas e não vítimas, considerando quatro variáveis psicológicas: somatização, depressão, ansiedade e sintomas de PTSD (Transtorno de Stresse Pós-Traumático).

Os resultados demonstram que não existe uma diferença estatisticamente significativa nas dimensões psicológicas avaliadas entre os participantes que foram vítimas de violência no namoro offline e aqueles que nunca foram vítimas. Especificamente, os valores da somatização são $U=1517$, $p=0.283$; da depressão são $U=1563.5$, $p=0.413$; da ansiedade são $U=1424.5$, $p=0.117$ e, por fim, para sintomas de PTSD são $U=1709$, $p=0.972$.

Tabela 8.

Impacto da Violência no namoro online, em função da experiência de vitimação

	Violência no namoro online			
	Não Vítima*	Vítima	Mann-Whitney	
	MR	MR	<i>U</i>	<i>p</i>
Somatização	58,41	63,32	1615,5	.442
Depressão	53,97	69,33	1309,0	.017
Ansiedade	60,05	61,11	1728,5	.869
Sintomas de PTSD	53,83	69,53	1299,0	.014

* este grupo inclui 69 indivíduos não vítimas ** este grupo inclui 51 indivíduos não vítimas

A Tabela 8, assim como a anterior, apresenta os resultados do teste U de *Mann-Whitney*, comparando o impacto da violência no namoro online entre vítimas e não vítimas, nos domínios de somatização, a depressão, a ansiedade e os sintomas de PTSD.

Os resultados sistematizados na Tabela 8 revelam que, comparativamente às não vítimas, as vítimas de violência no namoro online relatam maior sintomatologia em termos de depressão ($U=1309$, $p=.017$) e sintomas de PTSD ($U=1299$, $p=.014$). Não se observa uma diferença estatisticamente significativa na somatização ($U=1615.5$, $p=0.442$) e na ansiedade ($U=1728.5$, $p=0.869$). Estes resultados sugerem que as vítimas de violência no namoro online apresentam níveis mais altos de depressão e sintomas de PTSD comparativamente com pessoas que nunca foram vítimas dessa violência.

2. Discussão de Resultados

O objetivo principal deste estudo foi caracterizar a prevalência e o impacto da violência no namoro online e offline, numa amostra de estudantes do ensino superior. Com esse propósito, foi examinada a prevalência da violência no namoro online e offline, a prevalência das diferentes formas de violência, as correlações entre os diferentes tipos de abuso, e o impacto da violência, em função da vitimação.

1. Violência offline

Em relação à prevalência da violência no namoro online e offline, verificou-se que mais participantes são vítimas de violência offline (73 – 60.8%) do que de violência online (51 – 42.5%). Estes resultados estão em concordância com estudos anteriores, como os de Gracia-Leiva et al. (2020), UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta (2023) e Duerksen e Woodin (2019), que também encontraram na sua amostra níveis mais elevados de prevalência de violência offline. Além disso, constatou-se que a violência mais perpetrada pelos participantes é a violência offline (73 – 60.8%), corroborando as conclusões do estudo de Paiva e Figueiredo (2004). Estes dados, sugerem que, apesar do aumento da interação digital, as dinâmicas de violência offline prevalecem nos relacionamentos amorosos.

2. Violência online

Em relação à violência online, verificou-se que a maioria da amostra (64 – 53.3%) perpetrrou este tipo de abuso. Este resultado é consistente com o estudo realizado por Caridade e Braga (2019), que demonstrou que mais de metade da amostra cometeu pelo menos um ato de violência online. Estes dados indicam uma tendência preocupante de comportamentos de violência online, possivelmente facilitados pela sensação de anonimato que a internet proporciona. O estudo de Hellevik (2018), também corrobora esta tendência, destacando que as mensagens de texto tendem a ser mais cruéis do que quando o abuso ocorria cara a cara.

Além disso, muitos participantes identificam-se como perpetradores de violência online, embora a maioria nunca tenha sido vítima.

Conclui-se, portanto, que, embora a violência no namoro offline seja mais comum, a prevalência da violência online, também deverá ser motivo de preocupação.

3. Vitimação da Violência Online

No contexto online, as formas de violência incluem o controlo online, o ciúme online e o comportamento intrusivo online.

Entre os participantes, 58 (48.3%) relataram terem sido vítimas de controlo online e 56 (46.7%) referiram terem sido vítimas de ciúme online, isto indica uma divisão relativamente equilibrada entre vítimas e não vítimas destes tipos de violência. O comportamento intrusivo online teve uma menor prevalência, com 39 (38.5%) participantes a indicar vitimação. Estes resultados são confirmados pelo estudo de Gracia-Leiva et al. (2020), que declaram que quase dois terços dos participantes foram vítimas de controlo online. Os resultados são também corroborados pela literatura existente, incluindo a investigação de Borrajo et al., (2015) que afirma que metade da amostra do seu estudo foi vítima de algum tipo de violência online. Estes resultados sugerem que, embora todas as formas de violência online sejam preocupantes, o ciúme online e o controlo online destacam-se entre os participantes.

O controlo refere-se a um comportamento que se destina a monitorizar a vítima como, por exemplo, visitar frequentemente o seu perfil da rede social (Tokunaga, 2011). Enquanto os ciúmes foram considerados de “pequeno abuso” tal como perseguir os parceiros nas redes sociais (Barilari, 2007; Echeburúa & Corral, 1998; cit. in González-Ortega et al., 2008).

4. Perpetração da Violência Online

Quanto à perpetração, 57 (47.5%) participantes admitiram terem sido perpetradores de ciúmes online, 35 (29.2%) referiram terem sido perpetradores de comportamento intrusivo online e 66 (55%) participantes admitiram terem sido perpetradores de controlo online, sugerindo que esta forma de violência fosse comum.

Apesar de existirem inúmeros benefícios no uso das novas tecnologias, tem de se ter cuidado com as mesmas (Lee, 2009), pois as novas tecnologias resultam numa privacidade mínima, podendo facilitar o uso de comportamentos pouco saudáveis, como o controlo online (King-Ries, 2011).

5. Vitimação da Violência Offline

No contexto offline, as formas de violência analisadas incluem o abuso físico, o abuso sexual, o abuso relacional, o abuso verbal e o comportamento ameaçador. O abuso verbal foi a forma de violência mais prevalente, com 70 (58.3%) dos participantes a relatarem vitimação. O abuso relacional foi relatado por 14 (11.6%) participantes, enquanto 12 (10%) afirmaram ter sido vítimas de violência sexual. O comportamento ameaçador e o abuso físico foram as dinâmicas menos comuns de vitimação, com prevalências de 5.8% (7) e 4.1% (5), respectivamente. Estes resultados estão em conformidade com os estudos de Jackson et al. (2000), de Halpern et al. (2001) e Paiva e Figueiredo (2004), na medida em que os resultados destes estudos afirmam que os seus participantes sofreram de abusos verbais, físicos e sexuais. Os adolescentes que se encontram em relacionamentos amorosos abusivos podem experienciar mais do que uma forma de abuso como, por exemplo, o abuso físico, psicológico, verbal e sexual (Caridade & Machado, 2006).

6. Perpetração da Violência Offline

Em relação à perpetração da violência offline, o abuso verbal destacou-se com 73 (60.8%) participantes a admitirem ter praticado este tipo de violência. O abuso relacional foi perpetrado por 9 (7.4%) inquiridos, e o abuso sexual por 6 (4.9%). As taxas de perpetração de comportamentos ameaçadores e de abuso físico foram as mais baixas, com 5.8% (7) e 4.1% (5) participantes, respectivamente.

Estes resultados sugerem que o abuso verbal é uma forma comum de violência nos relacionamentos estudados, o que é corroborado pelo estudo de Cornelius e Resseguie (2007), que demonstra que as condutas violentas se podem manifestar como ofensas verbais.

7. Relação entre a violência online e offline

Foi estudada a relação entre a violência online e a violência offline, verificando-se que quase todas as formas de violência estão correlacionadas entre si, exceto a correlação entre o controlo online e o abuso relacional.

O estudo revela que os participantes vítimas de abuso social tendem a sofrer de comportamentos intrusivos online. Além disso, verificou-se que todas as formas de violência estão correlacionadas entre si, ou seja, quando um participante é vítima de um tipo de abuso online é muito provável que seja vítima de outras formas de abuso online.

Os dados obtidos mostram que não existe uma relação estatisticamente significativa entre ser vítima de violência online e ser vítima de violência offline, indicando que, neste

estudo, não há evidências suficientes para estabelecer uma associação entre as variáveis do estudo. Isto significa que, de acordo com os dados, não existe uma correlação estatisticamente significativa, entre ser vítima de violência online e de violência offline, não havendo provas suficientes para afirmar que quem sofre de violência no namoro online também sofre de violência no namoro offline.

Por outro lado, o estudo demonstra que não existe uma relação estatisticamente significativa entre a perpetração da violência no namoro online e offline, pois os resultados indicam que não existem evidências suficientes para estabelecer uma associação entre essas variáveis. Por outras palavras, não existem provas suficientes para garantir que quem perpetra violência no namoro online também perpetra violência offline.

8. Impacto da violência online e offline

Foi estudada a relação entre a violência no namoro offline e online e o impacto que as mesmas têm nas vítimas, especificamente, a somatização, a depressão, a ansiedade e os sintomas de PTSD (Transtorno de Stresse Pós-Traumático).

Conclui-se ainda que, embora os sintomas de somatização, depressão, ansiedade e PTSD sejam variáveis importantes a serem consideradas na avaliação do impacto da violência no namoro, este estudo específico não encontrou evidências estatisticamente significativas, a nível da violência do namoro offline.

Contudo, revelou que as vítimas de violência no namoro online relataram maior sintomatologia em termos de depressão e de sintomas de PTSD. Estes resultados sugerem que as vítimas de violência no namoro online apresentam níveis mais altos de depressão e sintomas de PTSD, comparativamente com pessoas que nunca foram vítimas desta violência. Este resultado pode ser justificado pelo estudo de Martinez (2014), Tungate (2014), cit in Flach e Deslandes, (2017) que afirmam que o abuso online provoca elevados sintomas de depressão. Com efeito, as mensagens, vídeos e fotografias online têm o potencial de se tornar permanentes nos arquivos das redes criando impactos mais duradouros, prolongando o trauma dificultando o esquecimento ao contrário das comunicações orais informais (Sorj et al., 2017).

3. Conclusão

A violência no namoro é um fenómeno de vitimação reconhecido nos dias de hoje e uma preocupação significativa entre os estudantes do ensino superior. Neste estudo, foram analisados dois tipos de violência: a violência no namoro online e a violência no namoro offline, com o objetivo de conhecer a sua prevalência e impacto.

Embora neste estudo a violência offline se tenha mostrado mais prevalente, a violência online, pela sua prevalência, também deverá ser uma área de crescente preocupação.

Os resultados demonstraram que a violência no namoro offline foi o fenómeno mais prevalente na nossa amostra, com o abuso verbal a apresentar-se como a forma de violência mais comum. No contexto online, o controlo online e o ciúme online foram as formas de violência mais utilizadas em contexto de vitimação e perpetração. Quase todas as formas de violência surgem associadas, exceto o controlo online e o abuso relacional. Os dados não nos permitem afirmar a associação entre a vitimação online e a vitimação offline, nem entre a perpetração online e offline.

Uma das dimensões centrais deste estudo foi a análise do impacto da violência do namoro online e offline. Em relação ao impacto da violência no namoro offline não foram percebidas diferenças entre vítimas e não vítimas, nas dimensões psicológicas avaliadas, (somatização, ansiedade, depressão e sintomas de PTSD). Pelo contrário, as vítimas de violência online, quando comparadas com não vítimas, identificam um impacto psicológico superior, em termos de depressão e sintomas de PTSD. Uma característica da violência online que pode justificar esta diferença é o acesso contínuo, pois a violência online pode ocorrer a qualquer momento e em qualquer lugar. Posto isto, o ofensor tem acesso à vítima em qualquer momento, mesmo na sua ausência física, o agressor tem uma oportunidade de denegrir e rebaixar publicamente a vítima (Zweig et al., 2014). Outra característica é o registo permanente, ou seja, os comentários e as mensagens abusivas tornam-se permanentes e podem ser lidas repetidamente, ao contrário das comunicações orais informais (Sorj et al., 2017), podendo assim prolongar o trauma.

Este estudo apresenta algumas limitações que podem condicionar as suas conclusões. Em relação à amostra podem ser consideradas como limitações a composição demográfica, dado que a predominância deste estudo é do sexo feminino e o tamanho da amostra, pois estudos com amostras mais pequenas geram preocupações com a precisão e a representatividade dos resultados. Outra limitação é a nível do método de recolha de dados, tal como o uso de instrumentos de autorrelato, que podem introduzir vieses, devido à desejabilidade social e o uso

de questionários online, visto que estes frequentemente têm taxas de resposta mais baixas comparadas com métodos presenciais, o que limita a quantidade de dados recolhidos; outro problema com o uso de questionários online é que os participantes podem desistir antes de o completarem, resultando em dados incompletos que não podem ser utilizados na investigação; por fim, os participantes que respondem ao questionário podem ter características que não importem para o estudo, ou seja a amostra não seria representativa.

Para superar estas limitações, recomenda-se que futuras investigações utilizem métodos diferentes, tais como métodos mistos, onde se propunham pesquisas qualitativas e quantitativas para obter uma percepção mais aprofundada das experiências das vítimas e perpetradores. Podem-se usar também outros desenhos de estudo, como os estudos longitudinais, para compreender melhor a evolução e os impactos da violência no namoro, a longo prazo. Relativamente à amostra, recomenda-se que a mesma seja mais diversa, pois assim consegue-se explorar diferenças entre grupos demográficos. Além disso, seria benéfico realizar estudos sobre a violência online, pois ainda é uma área pouco explorada em Portugal.

Finalmente, quanto às implicações deste estudo destaca-se a sua contribuição para o conhecimento académico e potenciais implicações práticas. Em relação à contribuição para o conhecimento académico, foram adicionados novos insights sobre a violência no namoro, tais como, dados sobre a prevalência da violência no namoro online e offline, bem como das suas diferentes manifestações. A comparação realizada com investigações anteriores, permitiu destacar tendências e mudanças ao longo do tempo; e, visto que a violência no namoro online é uma área pouco explorada em Portugal, este estudo veio adicionar informação sobre uma amostra específica da população: estudantes do ensino superior. Por fim, no que diz respeito às implicações práticas, este conhecimento pode ser transferido tanto para contextos clínicos quanto educacionais. A nível do contexto clínico, os resultados deste estudo podem ser utilizados para aperfeiçoar modelos de intervenção para vítimas e perpetradores de violência no namoro; oferecer serviços de apoio emocional e aconselhamento para ajudar as vítimas a sair de relacionamentos abusivos e desenvolver programas de reabilitação para apoiar os perpetradores a reconhecerem os seus comportamentos como abusivos, entender as suas causas e aprender formas não violentas de se relacionarem. Relativamente aos contextos educacionais, este estudo pode contribuir para o desenvolvimento de um currículo escolar que promova a educação sobre relacionamentos, para os jovens compreenderem o que é ou não é aceitável numa relação amorosa; pode também contribuir para o desenho de ações de sensibilização e

campanhas de prevenção, que permitam uma maior consciência entre jovens sobre a violência no namoro.

Legislação

1. Decreto-Lei n.º 19/2013, de 21 de fevereiro de 2013 (Código Penal)
2. Lei n.º 44/2018, de 9 de agosto/Decreto-Lei n.º 400/82, de 23 de setembro (Código Penal)
3. Lei do Cibercrime, Lei n.º 109/2009, art. 11 (2009)
4. Carta Portuguesa de Direitos Humanos na Era Digital, Lei n.º 27/2021, art. 2 (2021)

Referências Bibliográficas

Abraham, M. (1999). Sexual abuse in South Asian immigrant marriages. *Violence Against Women*, 5, 591-618. Acedido dia 31 de dezembro de 2021 em https://www.researchgate.net/profile/Margaret-Abraham-2/publication/249675212_Sexual_Abuse_in_South_Asian_Immigrant_Marriages/links/5731081708ae6cca19a1fb47/Sexual-Abuse-in-South-Asian-Immigrant-Marriages.pdf.

Albano, M; Silva, M; Massena, A; Fernandes, C; Ravara, D; Ribeiro, F; Susano, H; Gago, L; Perquilhas, M; Guerra, P; Pena S; Violência Doméstica - implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno (31-33). Acedido dia 8 de novembro de 2021 em [Violencia-Domestica-CEJ_p02_rev2c-EBOOK_ver_final.pdf \(mj.pt\)](#)

Alexander, P. (1993). The Differential Effects of Abuse Characteristics and Attachment in the Prediction of Long-Term Effects of Sexual Abuse. *Journal of Interpersonal Violence* 8(3), 346-362. Acedido dia 23 de maio de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1177/088626093008003004>

Almeida, T. (s/d). Vitimação Offline e Online. Criap Instituto. Acedido dia 9 de julho de 2024 em <https://www.institutocriap.com/blog/psicologia/vitimacao-offline-online>

Alvarez, A. (2012). “IH8U”: Confronting Cyberbullying and Exploring the Use of Cybertools in Teen Dating Relationships. *JOURNAL OF CLINICAL PSYCHOLOGY: IN SESSION*, Vol. 68(11), 1205–1215 (2012). Acedido 25 de março de 2023 em file:///C:/Users/sofia/Downloads/Alvarez2012IH8U_jclp21920.pdf

Amor, P., Echeburúa, E., Corral, P., Zubizarreta, I. & Sarasua, B. (2002). Repercusiones psicopatológicas de la violencia doméstica en la mujer en función de las circunstancias del maltrato. *RIPCS/IJCHP*, Vol. 2, N° 2, 227-246. Acedido dia 6 de julho de 2024 em https://www.aepc.es/ijchp/articulos_pdf/ijchp-38.pdf

Associação Plano i (2021). Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior: Crenças e Práticas – 2020/2021. Acedido dia 13 de novembro de 2022 em <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2022/02/Estudo-Nacional-VN-2020-2021-Divulgacao-14.02.22.pdf>

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). (2019). Manual CARE — apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual. Acedido dia 5 de maio de 2023 em https://apav.pt/care/images/care/ManualCare_2edicao.pdf

Azevedo, N. (2013). Fatores de Risco e Tipologias dos Agressores Conjugais. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Acedido dia 8 de maio de 2023 em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/68700/2/24737.pdf>

Banyard, V., Arnold, S. & Smith, J. (2000). Childhood Sexual Abuse and Dating Experiences of Undergraduate Women. *Child Maltreatment*, 5(1), 39–48. Acedido dia 20 de maio de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1177/1077559500005001005>

Bennet, D., Guran, E., Ramos, M., & Margolin, G. (2011). College Students' Electronic Victimization in Friendships and Dating Relationships: Anticipated Distress and Associations With Risky Behaviors. *Violence and Victims*, Volume 26, Number 4, 2011, 410-429. Acedido dia 27 de outubro de 2022 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1891/0886-6708.26.4.410>

Blevins, C., Weathers, F., Davis, M., Witte, T. & Domino, J. (2015). The Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5 (PCL-5): Development and Initial Psychometric Evaluation. *Journal of Traumatic Stress*, December 2015, 28, 489–498. Acedido dia 9 de outubro de 2023 em [file:///C:/Users/sofia/Downloads/PCL%20C%20-%205%20versao%20original%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/sofia/Downloads/PCL%20C%20-%205%20versao%20original%20(1).pdf)

Borrajo, E.; Gámez-Guadix, M. & Calvete, E. (2015). CYBER DATING ABUSE: PREVALENCE, CONTEXT, AND RELATIONSHIP WITH OFFLINE DATING AGGRESSION. *Psychological Reports: Relationships & Communications* 2015, 116(2), 565–585. Acedido dia 23 de novembro de 2022 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.2466/21.16.PR0.116k22w4>

Borrajo, E., Gámez-Guadix M., Pereda, N., & Calvete, E. (2015). The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in Human Behavior*, 48 (2015), 358-365. Acedido dia 14 de novembro de 2022 em <file:///C:/Users/sofia/OneDrive/Ambiente%20de%20Trabalho/CHB.pdf>

Bossarte, R.; Simon, T. & Swahn, M. (2008). Clustering of Adolescent Dating Violence, Peer Violence, and Suicidal Behavior. *Journal of Interpersonal Violence* Volume 23 Number 6 June 2008 815-833. Acedido dia 13 de setembro de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1177/0886260507313950>

Breiding, M.; Black, M. & Ryan, G. (2008). Prevalence and Risk Factors of Intimate Partner Violence in Eighteen U.S. States/Territories, 2005. *American Journal of Preventive Medicine*. 34(2), 112-118. Acedido dia 11 de junho de 2024 <https://sci-hub.scrongyao.com/10.1016/j.amepre.2007.10.001>

Burke, S., Wallen, M., Vail-Smith, K., & Knox, D. (2011). Using technology to control intimate partners: An exploratory study of college undergraduates. *Computers in Human Behavior*, 27(3), 1162–1167. Acedido dia 27 de outubro de 2022 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1016/j.chb.2010.12.010>

Callahan, M., Tolman, R. & Saunders, D. (2003). Adolescent Dating Violence Victimization and Psychological Well-Being. *Journal of Adolescent Research*, Vol. 18 No. 6, 664-681. Acedido dia 6 de julho de 2024 em [file:///C:/Users/sofia/Downloads/Adolescent Dating Violence Victimization and Psych.pdf](file:///C:/Users/sofia/Downloads/Adolescent%20Dating%20Violence%20Victimization%20and%20Psych.pdf)

Caridade, S. & Braga, T. (2019). Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ) – Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): Adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicológica* (2019), 1 (XXXVII): 93-105. Acedido dia 9 de outubro de 2023 em https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/7099/1/AP_37%281%29_93.pdf

Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração (*). *Análise Psicológica* (2006), 4 (XXIV): 485-493. Acedido dia 23 de novembro de 2022 em https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/8027/1/2006.%20Viol%3aancia%20na%20intimidade%20juveniul_da%20vitima%3a7%3a3o%20%20c3a0%20perpetra%3a7%3a3o.pdf

Caridade, S. & Machado, C. (2013). VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES JUVENIS DE INTIMIDADE: UMA REVISÃO DA TEORIA, DA INVESTIGAÇÃO E DA PRÁTICA. *PSICOLOGIA*, Vol. XXVII (1), 2013, Edições Colibri, Lisboa, pp. 91-113. Acedido dia 5 de maio de 2023 em <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/244/20>

Caridade, S., Pedrosa e Sousa, H. & Dinis, M. (2020). Cyber and Offline Dating Abuse in a Portuguese Sample: Prevalence and Context of Abuse. *Behav. Sci.* 2020, 10, 152. Acedido dia 7 de maio de 2023 em <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/9040/1/2020.%20Cyber%20and%20Offline%20Dating%20Abuse%20in%20a%20Portuguese%20sample.pdf>

Carvalho, C. (2011). Ciberstalking: Prevalência na população universitária da Universidade do Minho. [Tese de Mestrado, Universidade do Minho]. Acedido dia 7 de julho de 2024 em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18638/1/C%3a9lia%20Sofia%20de%20Sousa%20Carvalho.pdf>

Carvalho, N. (2010). Perfil Psicológico das Mulheres Vítimas de Violência Doméstica e suas Repercussões. [Tese de Mestrado, Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário]. Acedido dia 4 de julho de 2024 em <https://repositorio.cespu.pt/bitstream/handle/20.500.11816/67/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20completa.pdf?sequence=1>

Champion, H.; Foley, K.; Sigmon-Smith, K.; Sutfin, E. & DuRant, R. (2008). Contextual Factors and Health Risk Behaviors Associated with Date Fighting Among High School Students. *Women & Health*, 47:3, 1-22. Acedido dia 9 de julho de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1080/03630240802132286>

Coker, A. L., McKeown, R. E., Sanderson, M., Davis, K. E., Valois, R. F., & Huebner, E. S. (2000). Severe Dating Violence and Quality of Life Among South Carolina High School Students *American Journal of Preventive Medicine*, 19, p.220-227. Acedido dia 3 de janeiro de 2020 em [https://sci-hub.se/10.1016/s0749-3797\(00\)00227-0](https://sci-hub.se/10.1016/s0749-3797(00)00227-0)

Collins, V. & Carmody, D. (2011). Deadly Love: Images of Dating Violence in the “Twilight Saga”. *Journal of Women and Social Work* 26(4) 382-394. Acedido dia 22 de maio de 2023 em <file:///C:/Users/sofia/Downloads/Affilia-2011-CollinsandCarmody.pdf>

Cornelius, T. & Resseguie, N. (2007). Primary and secondary prevention programs for dating violence: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior* 12 (2007) 364–375. Acedido dia 13 de setembro de 2023 em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.453.968&rep=rep1&type=pdf>

Couto, J. (2013). Crenças, Distorções Cognitivas e Violência em Relações de Namoro. Dissertação de Mestrado do Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Lisboa, Portugal. Acedido dia 20 de novembro de 2021 em https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6245/1/2013_Couto%2C%20J%C3%BAlia%20M.%20do.pdf

Crittenden, P., Partridge, M. & Claussen, A. (1991). Family patterns of relationship in normative and dysfunctional families. *Development and Psychopathology*, 3 (1991), 491-512. Acedido dia 23 de maio de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1017/s0954579400007653>

Cunradi, C.; Caetano, R. & Schafer, J. (2002). Socioeconomic Predictors of Intimate Partner Violence Among White, Black, and Hispanic Couples in the United States. *Journal of Family Violence*, Vol. 17, No. 4. 377-389. Acedido dia 11 de junho de 2024 <https://sci-hub.scrongyao.com/10.1023/a:1020374617328>.

Danis, F. S. & Anderson, K. M. (2008). An Underserved Population and Untapped Resource: A Preliminary Study of Collegiate Sorority Response to Dating Violence. *Journal of Agression, Maltreatment & Trauma*, 17 (3), 336-351. DOI:10.1080/10926770802406478. Acedido dia 17 de novembro de 2021 em <https://sci-hub.se/10.1080/10926770802406478>

David-Ferdon, C. & Hertz, M. (2007). Electronic Media, Violence, and Adolescents: An Emerging Public Health Problem. *Journal of Adolescent Health* 41 (2007) S1–S5. Acedido dia 13 de setembro de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1016/j.jadohealth.2007.08.020>

Decker, M., Silverman, J. & Raj, A. (2005). Dating Violence and Sexually Transmitted Disease/HIV Testing and Diagnosis Among Adolescent Females. *PEDIATRICS* Vol. 116 No. 2 August 2005. Acedido dia 10 de março de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1542/peds.2005-0194>

Delsol, C. & Margolin, G. (2003). The role of family-of-origin violence in men's marital violence perpetration. *Clinical Psychology Review* 24, 99 – 122. Acedido dia 14 de maio de 2023 em <https://www.wellesu.com/10.1016/j.cpr.2003.12.001>

Döring, N. (2014). Consensual sexting among adolescents: Risk prevention through abstinence education or safer sexting?. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 8(1), article 9. Acedido dia 12 de maio de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.5817/cp2014-1-9>

Doucette, H.; Collibee, C.; Hood, E.; Stone, D.; DeJesus, B. & Rizzo, C.J. (2018). Perpetration of Electronic Intrusiveness Among Adolescent Females: Associations With In-Person Dating Violence. *Journal of Interpersonal Violence* 1–21. Acedido dia 14 de setembro de 2023 em <https://sci-hub.et-fine.com/10.1177/0886260518815725>

Draucker, C., & Martsolf, D. (2010). The Role of Electronic Communication Technology in Adolescent Dating Violence. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, Volume 23, Number 3, pp. 133–142. Acedido dia 12 de novembro de 2022 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1111/j.1744-6171.2010.00235.x>

Drouin, M & Tobin, E. (2014). Unwanted but consensual sexting among young adults: Relations with attachment and sexual motivations. *Computers in Human Behavior* 31 (2014) 412-418. Acedido dia 12 de maio de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.11.001>

Duerksen, K & Woodin, E. (2019). Cyber Dating Abuse Victimization: Links With Psychosocial Functioning. *Journal of Interpersonal Violence* 1–29. Acedido dia 13 de setembro de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1177/0886260519872982>

Eaton, D., Davis, K., Barrios, L., Brener, N., & Noonan, R. (2007). Associations of Dating Violence Victimization With Lifetime Participation, Co-Occurrence, and Early Initiation of Risk Behaviors Among U.S. High School Students. *Journal of Interpersonal Violence* Volume 22 Number 5 May 2007 585-602. Acedido dia 15 de março de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1177/0886260506298831>

Exner-Cortens, D., Eckenrode, J. & Rothman, E. (2012). Longitudinal Associations Between Teen Dating Violence Victimization and Adverse Health Outcomes. *PEDIATRICS* Volume 131, Number 1. Acedido dia 17 de abril de 2023 em [file:///C:/Users/sofia/Downloads/Longitudinal Associations Between Teen Dating Viol%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/sofia/Downloads/Longitudinal%20Associations%20Between%20Teen%20Dating%20Violence%20(1).pdf)

Fernández-González, L., Calvete, E. & Orue, I. (2017). Adolescent Dating Violence Stability and Mutuality: A 4-Year Longitudinal Study. *Journal of Interpersonal Violence* 1–21. Acedido dia 13 de setembro de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1177/0886260517699953>

Ferreira, M. (2011). A violência no namoro: Estudo exploratório de caracterização das reacções dos adolescentes face à violência. [Tese de dissertação, Universidade do Minho]. Acedido dia 3 de julho de 2024 em <https://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/18651/1/Maria%20Jo%C3%A3o%20da%20Silva%20Ferreira.pdf>

Finkelhor, D. (1993). EPIDEMIOLOGICAL FACTORS IN THE CLINICAL IDENTIFICATION OF CHILD SEXUAL ABUSE. *Child Abuse & Neglect*. Vol. 17, pp. 67-70, 1993. Acedido dia 8 de maio de 2023 em https://calio.org/wp-content/uploads/2014/05/Epidemiological_factors_in_the_clinical_identification_of_child_sexual_abuse.pdf

Finn, J. & Banach, M. (2000). Victimization Online: The Down Side of Seeking Human Services for Women on the Internet. *CyberPsychology & Behavior*, 3(2), 243–254. Acedido dia 27 de outubro de 2022 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1089/109493100316102>

Flash, R & Deslandes, S. (2017). Cyber dating abuse in affective and sexual relationships: a literature review. *Cad. Saúde Pública*; 33(7). Acedido dia 16 de julho de 2024 em [Cyber dating abuse in affective and sexual relatio.pdf](#)

Foo, L & Margolin, G. (1995). A Multivariate Investigation of Dating Aggression. *Journal of Family Violence*, Vol 10, No. 4, 1995. Acedido dia 9 de maio de 2023 em <file:///C:/Users/sofia/Downloads/BF02110711.pdf>

Foshee, V., Reyes, H., Gottfredson, N., Chang, L. & Ennett, S. (2013). A Longitudinal Examination of Psychological, Behavioral, Academic, and Relationship Consequences of Dating Abuse Victimization Among a Primarily Rural Sample of Adolescents. *Journal of Adolescent Health* 53 (2013) 723-729. Acedido dia 10 de março de 2023 em <https://scihub.hkvisa.net/10.1016/j.jadohealth.2013.06.016>

Gelles, R. J. (1997) *Intimate violence in families*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997. Acedido dia 8 de dezembro de 2021 em https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=0iInxNf0B4UC&oi=fnd&pg=PP11&dq=GELLES,+R.+J.+Intimate+violence+in+families.+Thousand+Oaks:+Sage+Publications,+1997.&ots=wkfhoUcNPh&sig=tjJff6O7u6nZ9-vcDSRZVVaqoU&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003) Adolescent Dating Violence: Prevalence, Risk Factors, Health Outcomes, and Implications for Clinical Practice. *JOGNN Clinical Issues*,32, 227-238. Acedido dia 3 de dezembro de 2021 em <file:///C:/Users/sofia/Downloads/nu26065.pdf>

Gondolf, E. W. (1987). Evaluating programs for men who batter: problems and prospects. *Journal of Family Violence*, 2, 95-108. Acedido dia 28 de dezembro de 2021 em <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/BF00976373.pdf>.

González-Ortega, I. Echeburúa E. & Corral P. (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: Una revisión. *Behavioral Psychology / Psicología Conductual*, 2(16), 207-225. Acedido dia 17 de novembro de 2021 em <https://www.uv.mx/cendhiu/files/2012/09/Variablespsic.manoella.pdf>

Gracia-Leiva, M.; Puente-Martínez, A; Ubillos-Landa, S.; González-Castro, J. & Páez-Rovira, D. (2020). Off- and Online Heterosexual Dating Violence, Perceived Attachment to Parents and Peers and Suicide Risk in Young Women. *International Journal of Environmental Research and Public Health* 2020, 17, 3174. Acedido dia 15 de setembro de 2023 em <file:///C:/Users/sofia/Downloads/offandon-linedatingviolence.pdf>

Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M., Oliveira, E. & Ribeiro, P. (s/d). Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. Acedido dia 5 de julho de 2024 em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78885/2/101832.pdf>

Halpern, C. T., Oslak, S. G., Young, M. L., Martin, S. L., & Kupper, L. L. (2001). Partner Violence Among Adolescents in Opposite-Sex Romantic Relationships: Findings From the National Longitudinal Study of Adolescent Health. *American Journal of Public Health*,

91(10), 1679-1685. Acedido dia 26 de dezembro de 2021 em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1446854/>.

Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1987, Vol. 52, No. 3, 511-524. Acedido dia 23 de maio de 2023 em <https://adultattachmentlab.human.cornell.edu/HazanShaver1987.pdf>

Hellevik, P.M. (2018). Teenagers' personal accounts of experiences with digital intimate partner violence and abuse. *Computers in Human Behavior* (2018). Acedido dia 13 de setembro de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1016/j.chb.2018.11.019>

Herrman, J. (2009). There's a Fine Line...Adolescent Dating Violence and Prevention. *PEDIATRIC NURSING*/May-June 2009/Vol. 35/No. 3. Acedido dia 9 de julho de 2023 em <file:///C:/Users/sofia/Downloads/teendatingviolence.art.pdf>

Helsen, M., Vollebergh, W. & Meeus, W. (2000). Social Support from Parents and Friends and Emotional Problems in Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, Vol. 29, No. 3, 2000. Acedido dia 7 de maio de 2023 em file:///C:/Users/sofia/Downloads/A_1005147708827.pdf

Jackson, S. M., Cram, F., & Seymour, F. W. (2000). Violence and sexual coercion in high school students' dating relationships. *Journal of Family Violence*, 15(1), 23-36. Acedido dia 26 de dezembro de 2021 em <file:///C:/Users/sofia/Downloads/JacksonCramSeymour00.pdf>.

Jones, S. & Fox, S. (2009). PEW INTERNET PROJECT DATA MEMO. PEW/INTERNET PEW INTERNET & AMERICAN LIFE PROJECT. Acedido dia 6 de dezembro de 2022 em file:///C:/Users/sofia/Downloads/PI_2009.01.28_generations-online-in-2009_FINAL.pdf

Kandell, J. (1998). Internet Addiction on Campus: The Vulnerability of College Students. *CyberPsychology & Behavior*, 1(1), 11–17. Acedido dia 5 de dezembro de 2022 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1089/cpb.1998.1.11>

Kernsmith, P., Victor, B. & Smith-Darden, J. (2018). Online, Offline, and Over the Line: Coercive Sexting Among Adolescent Dating Partners. *Youth & Society* 1–14. Acedido dia 6 de maio de 2023 em file:///C:/Users/sofia/Downloads/OnlineOfflineandOvertheLine_CoerciveSextingAmongAdolescentDatingPartners.pdf

King-Ries, A. (2011). Teens, Technology, and Cyberstalking: The Domestic Violence Wave of the Future?. *Faculty Law Review Articles*. *Texas Journal of Women and the*

Law Volume 20. Acedido dia 7 de dezembro de 2022 em https://scholarworks.umd.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1121&context=faculty_lawreviews

Kobak, R., Rosenthal, N., Zajac, K. & Madsen, S. (2007). Adolescent Attachment Hierarchies and the Search for an Adult Pair-Bond. *NEW DIRECTIONS FOR CHILD AND ADOLESCENT DEVELOPMENT*, no. 117, 57-72. Acedido dia 3 de maio de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1002/cd.194>

Korchmaros, J.; Ybarra, M.; Langhinrichsen-Rohling, J.; Boyd, D. & Lenhart, A. (2013). Perpetration of Teen Dating Violence in a Networked Society. *CYBERPSYCHOLOGY, BEHAVIOR, AND SOCIAL NETWORKING* Volume 16, Number 8, 2013. Acedido dia 15 de setembro de 2023 em <https://www.dhi.ac.uk/san/waysofbeing/data/communication-zangana-korchmaros-2013.pdf>

Koss, M. P. (1993). Detecting the scope of rape: A review of prevalence research methods. *Journal of interpersonal violence*, 8, 198-222. Acedido dia 19 de novembro de 2021 em <https://boysmeneducation.com/wp-content/uploads/2014/01/Koss-1993-Detecting-the-Scope-of-Rape-a-review-of-prevalence-research-methods-see-p.-206-last-paragraph.pdf>

Krug, E., Dahlberg, L., Mercy, J., Zwi, A. & Lozano, R. (2002). Relatório mundial sobre violência e saúde. Organização Mundial da Saúde Genebra, 2002. Acedido dia 20 de abril de 2023 em <https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude-1.pdf>

Lawson, J. (2012). Sociological Theories of Intimate Partner Violence. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 22:572–590. Acedido dia 7 de fevereiro de 2024 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1080/10911359.2011.598748>

Leadbeater, B., Connolly, J. & Temple, J. (2018). Adolescent Dating Violence || Changing Your Status in a Changing World. , (), 3–23. Acedido dia 27 de outubro de 2022 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1016/B978-0-12-811797-2.00001-3>

Lee, S. (2009). Online Communication and Adolescent Social Ties: Who benefits more from Internet use?. *Journal of Computer-Mediated Communication* 14 (2009) 509–531. Acedido dia 27 de outubro de 2022 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1111/j.1083-6101.2009.01451.x>

Leen, E., Sorbring, E., Mawer, M., Holdsworth, E., Helsing, B. & Bowen, E. (2013). Prevalence, dynamic risk factors and the efficacy of primary interventions for adolescent dating violence: An international review. *Aggression and Violent Behavior* 18 (2013) 159-174. Acedido 15 de maio de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1016/j.avb.2012.11.015>

Li, Q. (2006). Cyberbullying in Schools: A Research of Gender Differences. *School Psychology International* Vol. 27(2): 157–170. Acedido dia 3 de julho de 2024 em <https://www.wellesu.com/10.1177/0143034306064547>

Lourenço, N., & Carvalho, M. (2001). Violência doméstica: conceito e âmbito. Tipos e espaços de violência. *Themis*. 3, 95-121. Acedido dia 18 de novembro de 2021 em https://repositorio-cientifico.uatlantica.pt/bitstream/10884/407/1/2001_THEMIS.pdf

Lu, Y., Shin, Y., Le, V., Temple, J., & Pettigrew, J. (2020). Prevalence of teen dating violence and the associations with substance use and externalizing behaviors in Nicaraguan early adolescents. *Health Education* Vol. 120 No. 2, 2020 pp. 165-177. Acedido dia 13 de setembro de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1108/he-01-2020-0006>

Luthra, R. & Gidycz, C. (2006). Dating Violence Among College Men and Women: Evaluation of a Theoretical Model. *Journal of Interpersonal Violence*, Volume 21, Number 6, 717-731. Acedido dia 11 de junho de 2024 em <https://sci-hub.scrongyao.com/10.1177/0886260506287312>

Machimbarrena, J.M, Calvete, E., Fernández-González, L., Álvarez-Bardón, A., Álvarez-Fernández, L., & González-Cabrera, J. (2018). Internet Risks: An Overview of Victimization in Cyberbullying, Cyber Dating Abuse, Sexting, Online Grooming and Problematic Internet Use. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(11), 2471. Acedido dia 27 de outubro de 2022 em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6267617/pdf/ijerph-15-02471.pdf>

Manita, C., Ribeiro, C. & Peixoto, C. (2009). Violência doméstica: Compreender para Intervir, Guia de Boas Práticas para Profissionais de Saúde. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género – Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa, 2009. Acedido dia 2 de abril de 2023 em https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13450/1/VD4_GBP_PROFISSEIONAIS_SAUDE.pdf

Marganski, A. & Melander, L. (2018). Intimate Partner Violence Victimization in the Cyber and Real World: Examining the Extent of Cyber Aggression Experiences and Its Association With In-Person Dating Violence. *Journal of Interpersonal Violence* 1–25. Acedido dia 3 de julho de 2024 em <https://www.wellesu.com/10.1177/0886260515614283>

Mars, T. & Valdez, A. (2007). Adolescent Dating Violence: Understanding What Is “At Risk?”. JOURNAL OF EMERGENCY NURSING 492-494. Acedido dia 3 de abril de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1016/j.jen.2007.06.009>

Martins, M. (2020). _Conhecer Para Educar Sobre Violência no Namoro em Contexto Universitário: O Educador Social como Mediador na Prevenção. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. Acedido dia 18 de maio de 2023 em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/23152/1/Marta%20Martins.pdf>

Martins, C. & Rodrigues, M. (2022). Violência no Namoro: A perspetiva de adolescentes do concelho de Cascais. Violence in Dating: A perspective of teenagers in the municipality of Cascais. Temas Sociais | n. º2 | 2022 | pp.135-149. Acedido dia 6 de maio de 2023 em https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/12862/1/violencia_namoro.pdf

Machado, M. (2010). Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a violência interpessoal. [Tese de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa]. Acedido dia 13 de junho de 2024 em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/29912/1/Dissewrta%c3%a7%c3%a3o%20de%20Mestrado%20Ana%20Lage.pdf>.

Matos, M., Machado, C., Caridade, S. & Silva, M. (2006). PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO: INTERVENÇÃO COM JOVENS EM CONTEXTO ESCOLAR. Psicologia: Teoria e Prática – 2006, 8(1): 55-75. Acedido dia 21 de dezembro de 2022 em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v8n1/v8n1a05.pdf>

McPhail, B., Busch, N., Kulkarni, S. & Rice, G. (2007). An Integrative Feminist Model The Evolving Feminist Perspective on Intimate Partner Violence. Violence Against Women Volume 13 Number 8 August 2007 817-841. Acedido dia 19 de maio de 2023 em <https://sites.utexas.edu/idvsa/files/2019/05/An-Integrative-Feminist-Model-The-Evolving-Feminist-Perspective-on-Intimate-Partner-Violence.pdf>

Melo-Dias, C. & Silva, C. (2019). TEORIA DA APRENDIZAGEM SOCIAL DE BANDURA NA FORMAÇÃO DE HABILIDADES DE CONVERSAÇÃO. PSICOLOGIA, SAÚDE & DOENÇAS, 2019, 20(1), 101-113. Acedido dia 14 de maio de 2023 em <https://pdfs.semanticscholar.org/6c6b/b3d825648cf83dcadfddeaea359f7b8718985.pdf>

Mouradian, V. (2000). Abuse in Intimate Relationships: Defining the Multiple Dimensions and Terms. National Violence Against Women Prevention Research Center. Acedido dia 18 de novembro de 2021 em <https://mainweb-v.musc.edu/vawprevention/research/defining.shtml>

Muñoz-Fernández, N. & Sánchez-Jiménez, V. (2019). Cyber-aggression and psychological aggression in adolescent couples: a short-term longitudinal study on prevalence and common and differential predictors. *Computers in Human Behavior* (2019). Acedido dia 26 de março de 2023 em https://e-tarjome.com/storage/panel/fileuploads/2020-03-12/1584001116_E14613-e-tarjome.pdf

Neves, S. & Nogueira, C. (2004). Terapias feministas, intervenção psicológica e violências na intimidade: Uma leitura feminista crítica. *Psychologica* 2004, 36, 15-32. Acedido dia 22 de maio de 2023 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4004/3/artigo%20terapias%20feministas.pdf>

Oliveira, J. (2011). Violência no Namoro Adaptação de um Programa de Prevenção em Jovens Universitárias. Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior. Acedido dia 16 de abril de 2023 em <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2728/1/disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>

Oliveira, M. (2004). Comportamento dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. Projeto de Graduação de candidatura ao grau de licenciado. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Acedido dia 19 de novembro de 2021 em https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/7563/1/Mono_Madalena%20Oliveira.pdf

Oliveira, M. (2009). Violência Intergeracional: da Violência na família à violência no namoro. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal. Acedido dia 19 de novembro de 2021 em <file:///C:/Users/sofia/Downloads/Dissertao%20de%20Mestrado.pdf>

Oliveira, S. (2016). Violência no Namoro: Crenças sobre violência e Empowerment em Estudantes Universitários. Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior - Ciências Sociais e Humanas. Acedido dia 18 de outubro de 2022 em https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/5787/2/4939_10396.pdf

Organisation mondiale de la Santé (OMS). (2014). Rapport de situation 2014 sur la prévention de la violence dans le monde. Geneva, Switzerland. Acedido dia 6 de junho de 2024 em https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/145088/WHO_NMH_NVI_14.2_fre.pdf?sequence=1

Organização Mundial de Saúde (OMS). (2014). Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência. Acedido dia 9 de julho de 2023 em <https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf>

Paiva, C. & Figueiredo, B. (2003). ABUSO NO CONTEXTO DO RELACIONAMENTO ÍNTIMO COM O COMPANHEIRO: DEFINIÇÃO, PREVALÊNCIA, CAUSAS E EFEITOS. PSICOLOGIA, SAÚDE & DOENÇAS, 2003, 4 (2), 165-184. Acedido dia 23 de maio de 2023 em <https://core.ac.uk/download/pdf/70649657.pdf>

Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. Psychologica, 36, 75-107. Acedido dia 23 de novembro de 2022 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4211/1/Abuso%20no%20relacionamento%20%282004%29.pdf>

Parker, J. & Asher, S. (1993). Friendship and Friendship Quality in Middle Childhood: Links With Peer Group Acceptance and Feelings of Loneliness and Social Dissatisfaction. Developmental Psychology 1993, Vol. 29, No. 4, 611-621. Acedido dia 3 de maio de 2023 em https://www.researchgate.net/profile/Jeffrey-Parker-6/publication/232540370_Friendship_and_Friendship_Quality_in_Middle_Childhood_Links_with_Peer_Group_Acceptance_and_Feelings_of_Loneliness_and_Social_Dissatisfaction/links/02e7e52af82f23aa5a000000/Friendship-and-Friendship-Quality-in-Middle-Childhood-Links-With-Peer-Group-Acceptance-and-Feelings-of-Loneliness-and-Social-Dissatisfaction.pdf

Parlamento Europeu (2022, fevereiro 2). Redes sociais e democracia: precisamos de leis e não de orientações para as plataformas. Atualidade Parlamento Europeu. Acedido dia 14 de dezembro de 2022 em <https://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20210204STO97129/redes-sociais-e-democracia-precisamos-de-leis-e-nao-de-orientacoes>

Patton, D.; Hong, J.S.; Ranney, M.; Patel, S.; Kelley, C.; Eschmann, R. & Washington, T. (2014). Social media as a vector for youth violence: A review of the literature. Computers in Human Behavior. Acedido dia 13 de setembro de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1016/j.chb.2014.02.043>

Pérez, M. & Calvera, J. (2013). Description and characterization of Violence Cycle that arises in couple's relationship. Tesis Psicológica, vol. 8, núm. 1, 80-88. Acedido dia 3 de dezembro de 2023 em <https://www.redalyc.org/pdf/1390/139029198007.pdf>

Ramisetty-Mikler, S., Goebert, D., Nishimura, S. & Caetano, R. (2006). Dating Violence Victimization: Associated Drinking and Sexual Risk Behaviors of Asian, Native Hawaiian, and Caucasian High School Students in Hawaii. *Journal of School Health*, 76 (8), 423. Acedido dia 17 de novembro de 2021 em <https://www.readcube.com/articles/10.1111%2Fj.1746-1561.2006.00136.x>

Reed, L., Tolman, R. & Ward, L. (2017). Gender matters: Experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. *Journal of Adolescence* 59 (2017) 79-89. Acedido dia 10 de julho de 2023 em <file:///C:/Users/sofia/Downloads/GenderMattersReedTolmanWard2017.pdf>

Reed, L., Cosgrove, J., Sharkey, J. & Felix, E. (2020). Exploring Latinx Youth Experiences of Digital Dating Abuse. National Association of Social Workers. Acedido dia 9 de julho de 2023 em https://www.thrivingrelationships.com/uploads/1/2/9/7/129759198/reed_mccullough_cosgrove_sharkey_felix_2020.pdf

Ribeiro, H. (2022). Meios digitais e violência no namoro: que desafios ao policiamento?. Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna. Acedido dia 4 de dezembro de 2022 em https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/41569/1/Helena%20Ribeiro_3424_MeiosDigitaisEViolencianoNamoroDesafiosaoPoliciamento.pdf

Ribeiro, M. (2015). CIBERCRIME E PROVA DIGITAL. INSTITUTO SUPERIOR BISSAYA BARRETO. Acedido dia 14 de dezembro de 2022 em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/28946/1/Cibercrime%20e%20Prova%20Digital.pdf>

Ribeiro, M. & Sani, A. (2009). Risco, Proteção e Resiliência em Situações de Violência. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa 6 (2009) 400-407. Acedido dia 9 de maio de 2023 em https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1294/2/400-407_FCS_06_-7.pdf

Rocha, G.; Lalanda, P.; Caldeira, S.; Sousa, A; Palos, A. & Soares, D. (2010). Estudo sócio-criminal sobre a violência doméstica na Região Autónoma dos Açores. *Cadernos de Administração Interna*. Acedido dia 10 de maio de 2023 em <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3710/1/VD.pdf>

Saial, A. (2020). Abuso Cibernético nas Relações de Intimidade dos Jovens Adultos Relação entre uso problemático de internet, recurso a estratégias cibernéticas abusivas e

existência de traços de psicopatia. Universidade da Madeira. Acedido dia 4 de dezembro de 2022 em <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/3397/1/vers%C3%A3o%20definitiva.pdf>

Saldivia, C. & Vizcarra, B. (2012). Consumo de Drogas y Violencia en el Noviazgo en Estudiantes Universitarios del Sur de Chile. *Terapia psicológica*, Vol. 30, Nº 2, 43-49. Acedido dia 5 de julho de 2024 em <https://www.scielo.cl/pdf/terpsicol/v30n2/art04.pdf>

Sánchez, V., Muñoz-Fernández, N. & Ortega-Ruiz, R. (2015). “Cyberdating Q_A”: An instrument to assess the quality of adolescent dating relationships in social networks. *Computers in Human Behavior*, Volume 48, July 2015, 78-86. Acedido dia 24 de outubro de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1016/j.chb.2015.01.006>

Santos, E. (2015). *Intervenção Social na Violência no Namoro: Estratégias de Prevenção*, Dissertação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal. Acedido dia 17 de novembro de 2021 em <https://core.ac.uk/reader/48584612>

Sargent, K.S.; Krauss, A.; Jouriles, E.N. & McDonald, R. (2016). Cyber Victimization, Psychological Intimate Partner Violence, and Problematic Mental Health Outcomes Among First-Year College Students. *CYBERPSYCHOLOGY, BEHAVIOR, AND SOCIAL NETWORKING* Volume 00, Number 00, 2016. Acedido dia 20 de outubro de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1089/cyber.2016.0115>

Sells, C., & Blum, R. (1996). Morbidity and mortality among US adolescents: An overview of data and trends. *American Journal of Public Health*, 86(4), 513-519. Acedido dia 29 de dezembro de 2021 em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1380551/pdf/amjph00515-0051.pdf>.

Shorey, R., Cornelius, T. & Bell, K. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Aggression and Violent Behavior* 13 (2008) 185–194. Acedido dia 19 de maio de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1016/j.avb.2008.03.003>

Shorey, R., Stuart, G. & Cornelius, T. (2011). Dating violence and substance use in college students: a review of the literature. *Aggressive Violent Behavior*, 16(6), 541-550. Acedido dia 28 de dezembro de 2021 em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3224085/>.

Silva, J. (2018). *Posttraumatic Stress Disorder Checklist for DSM-5 (PCL-5): Validação e invariância da medida numa amostra de Bombeiros Voluntários Portugueses*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho – Escola de Psicologia, Portugal. Acedido dia 21 de janeiro de 2024 em

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/55699/1/disserta%c3%a7%c3%a3o_final.pdf

Silverman, J., Raj, A., Mucci, L. & Hathaway, J. (2001). Dating Violence Against Adolescent Girls and Associated Substance Use, Unhealthy Weight Control, Sexual Risk Behavior, Pregnancy, and Suicidality. *Journal of the American Medical Association*, 286(5), 572-579. Acedido dia 31 de dezembro de 2021 em <file:///C:/Users/sofia/Downloads/joc02015.pdf>.

Simões, M. (2015). Namoro e violência no namoro: Conceções e perceções dos jovens em função do género. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Acedido dia 30 de abril de 2023 em file:///C:/Users/sofia/Downloads/D2014_10002122014_21120006_1.pdf

Smith, D. M. & Donnelly, J. (2000). Adolescent Dating Violence: A Multi-Systemic Approach of Enhancing Awareness in Educators, Parents, and Society. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 21 (1), 53-64. DOI:10.1300/J005v21n01_04. Acedido dia 3 de janeiro de 2022 em https://sci-hub.se/10.1300/J005v21n01_04

Sorj, B., Cruz, F., Santos, M., Ribeiro, M. & Ortellado, P. (2018). SOBREVIVENDO NAS REDES: GUIA DO CIDADÃO. EDITORA MODERNA. Acedido dia 16 de setembro de 2023 em https://www.fundacaosantillana.org.br/wp-content/uploads/2019/12/20_Sobrevivendonasredes.pdf

Spitzberg, B. & Hoobler, G. (2002). Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism. *New Media & Society*, 4(1), 71–92. Acedido dia 5 de dezembro de 2022 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1177/14614440222226271>

Stein, A., Tran, G. & Fisher, B. (2009). Intimate Partner Violence Experience and Expectations Among College Women in Dating Relationships: Implications for Behavioral Interventions. *Violence and Victims*, Volume 24, Number 2, 153-162. Acedido dia 11 de junho de 2024 em <https://sci-hub.scrongyao.com/10.1891/0886-6708.24.2.153>

Stephenson, V.; Wickham, B.M. & Copezza, N.M. (2018). Psychological Abuse in the Context of Social Media. *VIOLENCE AND GENDER* Volume 00, Number 00, 2018. Acedido dia 13 de setembro de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1089/vio.2017.0061>

Stonard, K. (2018). The prevalence and overlap of technology-assisted and offline adolescent dating violence. *Current Psychology*. Acedido dia 13 de setembro de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1007/s12144-018-0023-4>

Subrahmanyam, K & Šmahel, D. (2011). Connecting Online Behavior to Adolescent Development: A Theoretical Framework. Digital Youth, Advancing Responsible Adolescent Development, Chapter 2, 27–39. Acedido dia 27 de outubro de 2022 em https://sci-hub.hkvisa.net/10.1007/978-1-4419-6278-2_2

Sugarman, D. & Hotaling, G. (1989). Dating violence: Prevalence, context, and risk markers. In M. Pirog-Good & J. Stets (Eds.), Violence and dating relationships (pp. 3–32). New York: Praeger. Acedido dia 22 de maio de 2023 em https://www.researchgate.net/profile/David-Sugarman/publication/232463596_Dating_Violence_Prevalence_Context_and_Risk_Markers/links/00b495369127c31a2e000000/Dating-Violence-Prevalence-Context-and-Risk-Markers.pdf

Swigonski, M. & Raheim, S. (2011). Feminist Contributions to Understanding Women's Lives and the Social Environment. Journal of Women and Social Work 26(1) 10-21. Acedido dia 22 de maio de 2023 em <https://sci-hub.ru/10.1177/0886109910392517>

Temple, J. & Freeman Jr, D. (2011). Dating Violence and Substance Use Among Ethnically Diverse Adolescents. Journal of Interpersonal Violence 26(4) 701–718. Acedido dia 14 de março de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1177/0886260510365858>

Tokunaga, R. (2011). Social networking site or social surveillance site? Understanding the use of interpersonal electronic surveillance in romantic relationships, 27(2), 705–713. Acedido dia 27 de outubro de 2022 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1016/j.chb.2010.08.014>

Toscano, S. (2007). A grounded theory of female adolescents' dating experiences and factors influencing safety: the dynamics of the Circle. BMC Nursing, 6 (7). DOI:10.1186/1472-6955-6-7. Acedido dia 18 de novembro de 2021 em <https://bmcnurs.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/1472-6955-6-7.pdf>

UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta (2023). VIOLÊNCIA NO NAMORO EM PORTUGAL: INDICADORES DE VITIMAÇÃO E CONCEÇÕES JUVENIS. Acedido dia 13 de novembro de 2022 em https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2023/02/InfografiaVN_UMAR_2023_Final_Corrigida.pdf

Wekerle, C. & Wolfe, D. (1998). The role of child maltreatment and attachment style in adolescent relationship violence. Development and Psychopathology, 10 (1998), 571–586. Acedido dia 23 de maio de 2023 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1017/s0954579498001758>

Wekerle, C. & Wolfe, D. (1999). Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. Clinical Psychology Review, Vol. 19, No. 4,

pp. 435–456, 1999. Acedido dia 3 de janeiro de 2022 em <file:///C:/Users/sofia/Downloads/Wekerle-Datingviolenceinmid-adolescence-theorysignificanceandemergingpreventioninitiatives..pdf>.

Wick, S., Nagoshi, C., Basham, R., Jordan, C., Kim, Y., Nguyen, A. & Lehmann, P. (2017). Patterns of Cyber Harassment and Perpetration among College Students in the United States: A Test of Routine Activities Theory. *International Journal of Cyber Criminology* Vol. 11(1): 24–38. Acedido dia 27 de março de 2023 em <https://www.cybercrimejournal.com/pdf/Wicketallvol11issue1IJCC2017.pdf>

Wolak, J., Finkelhor, D. & Mitchell, K. (2012). How Often Are Teens Arrested for Sexting? Data From a National Sample of Police Cases. *PEDIATRICS* Volume 129, Number 1, January 2012. Acedido dia 15 de maio de 2023 em <file:///C:/Users/sofia/Downloads/HowOftenAreTeensArrestedforSexting.pdf>

Wolfe, D., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A. (2001). Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. *Psychological Assessment*, 13(2), 277–293. Acedido dia 21 de julho de 2024 em <https://www.pismin.com/10.1037/1040-3590.13.2.277>

World Health Organization (WHO). (2010). Preventing intimate partner and sexual violence against women Taking action and generating evidence. Acedido dia 8 de maio de 2023 em https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/44350/9789241564007_eng.pdf;jsessionid=A0E6F889988335D96C0F7A487788E3D6?sequence=1

Zweig, J., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The Rate of Cyber Dating Abuse Among Teens and How It Relates to Other Forms of Teen Dating Violence. *J Youth Adolescence* (2013) 42:1063–1077. Acedido dia 27 de outubro de 2022 em [file:///C:/Users/sofia/Downloads/s10964-013-9922-8%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/sofia/Downloads/s10964-013-9922-8%20(1).pdf)

Zweig, J., Lachman, P., Yahner, J. & Dank, M. (2013). Correlates of Cyber Dating Abuse Among Teens. *J Youth Adolescence* (2014) 43:1306–1321. Acedido dia 6 de dezembro de 2022 em <https://sci-hub.hkvisa.net/10.1007/s10964-013-0047-x>

Anexos

Anexo 1. Questionário

Relações de intimidade através das Tecnologias de Informação e Comunicação

Está a decorrer uma investigação científica sobre "Relações de intimidade através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)". Se está envolvido/a ou se já esteve no passado em algum tipo de relações de intimidade (namoro), a sua participação será muito importante e permitirá ajudar-nos a melhor compreender este fenómeno, identificando e desenvolvendo medidas e políticas de prevenção e intervenção.

A sua participação é voluntária e as suas respostas são anónimas, sendo os resultados tratados estatisticamente e sem elementos que permitam identificar os participantes do estudo. Em nenhum momento terá ou deverá identificar o seu nome ou outros dados suscetíveis de o/a identificar.

Alguma questão adicional sobre os objetivos e procedimentos, por favor, contacte através do e-mail: up202104425@up.pt.

Muito obrigada pelo seu interesse e disponibilidade em participar no estudo. Agradecemos, ainda, que possa ajudar na divulgação do estudo junto de outros potenciais participantes.

Consentimento Informado

Para participar no estudo é obrigatório aceitar o consentimento informado.

Declaro que aceito que as minhas respostas sejam armazenadas e tratadas de forma anónima para fins de investigação. *

- ☐ Sim
- ☐ Não (a sua participação termina aqui)

Questionário sociodemográfico

Peço-lhe que preencha os seus dados pessoais, dos quais não consta o nome.

Este é um documento anónimo e os dados são confidenciais.

Idade *

Por favor, escreva aqui a sua resposta: _____

Sexo *

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

☐ Outro

Orientação Sexual *

- ☐ Heterossexual
☐ Homossexual
☐ Bissexual
☐ Outro

Nacionalidade *

- ☐ Portuguesa
☐ Dupla nacionalidade (Portuguesa e Outra)

Área Geográfica (residência) *

Por favor, escreva aqui a sua resposta: _____

Habilitações literárias completas *

- ☐ Sem escolaridade
☐ 1.º Ciclo (1.º ao 4.º ano)
☐ 2.º Ciclo (5.º e 6.º ano)
☐ 3.º Ciclo (7.º ao 9.º ano)
☐ Ensino Secundário (10.º ao 12.º ano)
☐ Licenciatura
☐ Mestrado
☐ Doutoramento
☐ Outro

Estado civil *

- ☐ Solteiro
☐ Casado/a ou União de Facto
☐ Separado/a ou Divorciado/a
☐ Viúvo/a

Profissão *

Por favor, escreva aqui a sua resposta: _____

Situação profissional *

- ☐ Estudante
- ☐ Trabalhador por conta de outrem
- ☐ Trabalhador por conta própria
- ☐ Desempregado
- ☐ Reformado

Como caracteriza o seu nível socioeconómico? *

- ☐ Baixo
- ☐ Médio-baixo
- ☐ Médio
- ☐ Médio-alto
- ☐ Alto

Possui experiência de envolvimento numa relação amorosa? *

- ☐ Sim, encontro-me numa relação atualmente.
- ☐ Não possuo relação atual, mas já tive no passado.
- ☐ Nunca estive envolvido/a numa relação amorosa.

Se sim, há quanto tempo se encontra nessa relação?

Por favor, escreva aqui a sua resposta: _____

CADRI-S

A seguir será questionada/o acerca de coisas que podem ter-lhe acontecido com a/o seu parceiro/a durante uma discussão. Quando estiver a responder às questões, confirme a opção que melhor estima a frequência com que essas coisas ocorreram com a/o sua/seu parceira/o atual ou ex-parceiro nos últimos 12 meses.

1. Durante um conflito ou discussão com o/a meu/minha parceiro/a (ex-parceiro/a) nos últimos 12 meses *

Por favor, escolha a resposta mais apropriada para cada item:

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Não se aplica
1a. Eu falei à/ao minha/meu parceira/o num tom de voz hostil ou agressivo.					
1b. A/o minha/meu parceira/o falou-me num tom de voz hostil ou agressivo.					
2a. Eu insultei a/o minha/meu parceira/o com frases ofensivas.					
2b. A/o minha/meu parceira/o insultou-me com frases ofensivas.					
3a. Eu disse coisas aos amigos da/o minha/meu parceira/o para os pôr contra ela/e.					
3b. A/o minha/meu parceira/o disse coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.					
4a. Eu pontapeei, bati ou dei murros na/o minha/meu parceira/a.					

4b. A/O minha/meu parceira/o pontapeou-me, bateu-me ou deu-me murros.					
5a. Eu bofetei ou puxei o cabelo da/o minha/meu parceira/o.					
5b. A/o minha/meu parceira/o bofeteou-me ou puxou-me o cabelo.					
6a. Eu ameacei magoar a/o minha/meu parceira/a					
6b. A/o minha/meu parceira/o ameaçou magoar-me.					
7a. Eu ameacei bater ou atirar alguma coisa à/ao minha/meu parceira/o.					
7b. A/o minha/meu parceira/a ameaçou bater-me ou atirar-me alguma coisa.					
8a. Eu espalhei rumores sobre a/o minha/meu parceira/o.					
8b. A/o minha/meu parceira/o espalhou rumores sobre mim.					
9a. Eu toquei sexualmente na/o minha/meu parceira/o quando ela/ele não queria.					
9b. A/o minha/meu parceira/o tocou-me sexualmente quando eu não queria.					
10a. Eu forcei a/o minha/meu parceira/o a ter relações					

sexuais quando ela/e não queria.					
10b. A/o minha/meu parceira/o forçou-me a ter relações sexuais com ela/e, quando eu não queria.					

2. Indique se nas suas relações de intimidade, atuais ou passadas, alguma vez SOFREU de algum tipo de violência (física, psicológica ou sexual) por parte do/a seu/sua parceiro/a. *

- ☐ Sim
☐ Não

3. Indique se nas suas relações de intimidade, atuais ou passadas, alguma vez USOU algum tipo de violência (física, psicológica ou sexual) para com o/a seu/sua parceiro/a. *

- ☐ Sim
☐ Não

CiBAN

Seguidamente encontrará uma lista de comportamentos que tu e o/a seu/sua parceiro/a ou ex-parceiro/a possivelmente apresentaram com o uso das novas tecnologias (ex.: internet, redes sociais, email...aplicações telefónicas como o Whatsapp, SMS, chamadas telefónicas).

Por favor, assinala o número de vezes em que tu e o(a) teu/tua parceiro(a) ou parceiro(a) apresentaram algum dos seguintes comportamentos, no último ano. *

Por favor, escolha a resposta mais apropriada para cada item:

	Nunca. Isto nunca aconteceu na nossa relação amorosa	Não, no último ano, mas já aconteceu anteriormente	Raramente. Aconteceu 1 ou 2 vezes	Às vezes. Aconteceu entre 3 a 10 vezes	Frequentemente. Aconteceu entre 11 a 20 vezes	Muitas vezes. Aconteceu mais de 20 vezes
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já controlou as atualizações no meu perfil da rede social.						
Eu já controlei as atualizações no perfil da rede social do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a).						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já ameaçou agredir-me fisicamente através das novas tecnologias.						
Eu já ameacei agredir fisicamente o(a) meu/minha						

parceiro(a) ou ex-parceiro(a) através das novas tecnologias.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já criou um perfil falso da minha pessoa numa rede social para me causar problemas.						
Eu já criei um perfil falso do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) numa rede social para lhe causar problemas.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já escreveu um comentário numa rede social para me insultar ou humilhar.						
Eu já escrevi um comentário numa rede social para insultar ou humilhar o(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a).						

O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já utilizou as minhas passwords (telemóvel, redes sociais, email) para ler/ver as minhas mensagens e/ou chamadas sem a minha permissão.						
Eu já utilizei as passwords (telemóvel, redes sociais, email) do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) para ler/ver as mensagens e/ou chamadas sem a sua permissão.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já divulgou segredos e/ou informações comprometedoras sobre mim, utilizando as novas tecnologias.						
Eu já divulguei segredos e/ou informações comprometedoras sobre o(a)						

meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a), utilizando as novas tecnologias.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a) já confirmou as horas da minha última ligação nas aplicações telefónicas.						
Eu já confirmei as horas da última ligação do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a) nas aplicações telefónicas.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a) já ameaçou divulgar segredos ou informações comprometedoras sobre mim, utilizando as novas tecnologias.						
Eu já ameacei divulgar segredos ou informações comprometedoras sobre o(a)						

meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a), utilizando as novas tecnologias.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a) já utilizou as novas tecnologias para se fazer passar por mim e causar problemas.						
Eu já utilizei as novas tecnologias para me fazer passar pelo(a) meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a) e causar problemas.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a) já enviou-me mensagens a insultar-me e/ou humilhar-me, utilizando as novas tecnologias.						
Eu já enviei mensagens a insultar e/ou humilhar o(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-						

parceiro(a), utilizando as novas tecnologias.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a) já acedeu às minhas redes sociais, whatsapp ou email sem a minha permissão.						
Eu já acedi às redes sociais do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a) sem a sua permissão.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex- parceiro(a) já enviou e/ou publicou fotos, imagens, vídeos e/ou conteúdos íntimos ou sexuais meus para outras pessoas sem a minha permissão.						
Eu já enviei e/ou publiquei fotos, imagens e/ou vídeos com conteúdos sexuais do(a) meu/minha parceiro(a) para						

outras pessoas sem a sua permissão.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já utilizou as novas tecnologias para controlar onde é que eu estive e com quem.						
Eu já utilizei as novas tecnologias para controlar onde é que o(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) esteve e com quem.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já me forçou a responder às suas chamadas ou mensagens, imediatamente depois de perceber que eu já as tinha lido, através das novas tecnologias digitais.						
Eu já forcei o(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) a responder às minhas chamadas						

ou mensagens, imediatamente depois de perceber que ele(a) já as tinha lido, utilizando as novas tecnologias digitais.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já se fez passar por outra pessoa para me testar, utilizando as novas tecnologias.						
Eu já me fiz passar por outra pessoa, utilizando as novas tecnologias, para testar o(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a).						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já publicou músicas, poemas, frases...acerca da minha pessoa no seu perfil da rede social com a intenção de me insultar ou humilhar.						
Eu já publiquei músicas, poemas, frases... acerca						

do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) no meu perfil da rede social com a intenção de o(a) insultar ou humilhar.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já acedeu aos conteúdos do meu telemóvel sem a minha permissão.						
Eu já acedi aos conteúdos do telemóvel do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) sem a sua permissão.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já divulgou rumores, fofosquices e/ou piadas acerca da minha pessoa com a intenção de me ridicularizar, utilizando as novas tecnologias.						
Eu já divulguei rumores, fofosquices e/ou piadas acerca do(a) meu/minha						

parceiro(a) ou ex-parceiro(a) com a intenção de o(a) ridicularizar, utilizando as novas tecnologias.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já me ligou excessivamente para controlar onde é que eu estive e com quem.						
Eu já liguei excessivamente para o(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) para controlar onde é que ele(a) esteve e com quem.						
O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já controlou as minhas amizades das redes sociais.						
Eu já controlei as amizades das redes sociais do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a)						

Q_A

Em seguida irá encontrar diversos comportamentos e atividades que às vezes ocorrem entre casais que usam a Internet, de preferência nas redes sociais e no WhatsApp. Por favor, responda de acordo com a sua EXPERIÊNCIA com as seguintes afirmações. Se não tem um parceiro/a, mas já teve um no passado, pode responder pensando no seu último relacionamento. *

Por favor, escolha a resposta mais apropriada para cada item:

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Eu já abri uma conta falsa para que o/a meu/minha parceiro/a me adicionasse e eu o/a pudesse controlar					
O/A meu/minha parceiro/a já abriu uma conta falsa para me poder controlar.					
Eu já tentei criar ciúmes no/na meu/minha parceiro/a usando as redes sociais.					
O/A meu/minha parceiro/a já me tentou criar ciúmes usando as redes sociais.					
Eu já tentei obter acesso às contas de redes sociais do/a meu/minha parceiro/a.					
O/A meu/minha parceiro/a já tentou obter acesso às minhas contas de redes sociais.					
Eu faço perguntas ao/à meu/minha parceiro/a sobre os amigos do seu mural.					

O/A meu/minha parceiro/a faz-me perguntas sobre os amigos no meu mural.					
Eu pergunto ao/à meu/minha parceiro/a sobre o que ele/ela faz nas redes sociais					
O/A meu/minha parceiro/a pergunta-me sobre o que eu faço nas redes sociais.					
Eu já adicionei os amigos do/a meu/minha parceiro/o como uma forma de o controlar.					
O/A meu/minha parceiro/a já adicionou os meus amigos como forma de me controlar.					
Eu escrevo menos mensagens quando estou irritado/a ou chateado com o/a meu/minha parceiro/a.					
O/A meu/minha parceiro/a escreve menos mensagens quando está irritado ou chateado comigo.					
Eu uso letras maiúsculas quando estou irritado/a com o/a meu/minha parceiro/a.					
O/A meu/minha parceiro/a usa letras maiúsculas quando está irritado comigo.					

Eu quando estou realmente irritado/a, saio do chat sem qualquer aviso e não entro de novo.					
Quando o/a meu/minha parceiro/a está realmente irritado comigo, sai do chat sem qualquer aviso e não entra de novo.					
Eu sei que algo está a acontecer quando o/a meu/minha parceiro/a demora a responder.					
O/A meu/minha parceiro/a sabe que algo está a acontecer quando eu demoro a responder.					
Eu mudo a maneira como escrevo quando quero que o/a meu/minha parceiro/a me pergunte o que há de errado.					
O/A meu/minha parceiro/a muda a maneira como escreve quando quer me perguntar o que há de errado.					
Eu uso reticências para insinuar algo para o/a meu/minha parceiro/a.					
O/A meu/minha parceiro/a usa reticências para insinuar algo.					
Eu consigo saber como o/a meu/minha parceiro/a se					

está a sentir (triste, feliz) pela maneira como ele/a escreve.					
O/A meu/minha parceiro/a consegue saber como me estou a sentir (triste, feliz) pela maneira como eu escrevo.					
Eu fico com ciúmes quando o/a meu/minha parceiro/a publica fotos provocadoras no seu perfil de rede social.					
O/A meu/minha parceiro/a fica com ciúmes quando eu publico fotos provocadoras no meu perfil de rede social.					
Eu fico com ciúmes quando o/a meu/minha parceiro/a publica uma foto com um/a ex-namorado/a.					
O/A meu/minha parceiro/a fica com ciúmes quando eu publico uma foto com um/a ex-namorado/a.					
Eu fico com ciúmes depois de ler as mensagens que o/a meu/minha parceiro/a recebe na sua conta.					
O/A meu/minha parceiro/a fica com ciúmes depois de ler as mensagens que eu recebo na minha conta.					
Eu preocupo-me com o facto de o/a meu/minha parceiro/a começar um					

relacionamento com outra pessoa que conheceu através das redes sociais.					
O/A meu/minha parceiro/a fica preocupado com o facto de eu começar um relacionamento com outra pessoa que conheci através das redes sociais.					
Quando estou irritado/a e o/a meu/minha parceiro/a não responde, deixo muitas mensagens na sua página de rede social.					
Quando o/a meu/minha parceiro/a está irritado e eu não respondo, deixa muitas mensagens na minha página de rede social.					
Quando estou irritado e o/a meu/minha parceiro/a não responde, deixo muitas mensagens na sua caixa de entrada privada.					
Quando o/a meu/minha parceiro/a está irritado e eu não respondo, deixa muitas mensagens na minha caixa de entrada privada.					
Quando o/a meu/minha parceiro/a está irritado e eu não respondo, deixa muitas mensagens na minha caixa de entrada privada.					

Quando temos uma discussão e eu bloqueio o/a meu/minha parceiro/a, ele/a usa o perfil de um/a amigo/a para me deixar mensagens, comunicar por chat ou na minha página.					
Quando estou irritado/a e o/a meu/minha parceiro/a não responde, faço-lhe várias chamadas perdidas.					
Quando o/a meu/minha parceiro/a está irritado e eu não lhe respondo, faz-me várias chamadas perdidas.					
Quando conheço alguém de quem gosto pessoalmente, rapidamente dou os detalhes da minha rede social.					
Quando conheço alguém de quem gosto, rapidamente dou o meu número de telefone.					
O que eu gosto nas pessoas que vejo nas redes sociais é a sua aparência física.					
Eu “curti” com outras pessoas através das redes sociais durante um relacionamento.					
Eu divirto-me muito com o/a meu/minha parceiro/a quando estamos juntos online.					

Eu passo muito tempo livre a conversar com o/a meu/minha parceiro/a no chat.					
Eu começo sempre uma conversa com o/a meu/minha parceiro/a usando uma saudação afetuosa.					

BSI

A seguir encontra-se uma lista de problemas que por vezes as pessoas apresentam. Por favor, leia cada um cuidadosamente e assinale a opção que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O/A AFECTOU DURANTE OS ÚLTIMOS 7 DIAS, INCLUINDO HOJE. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi afetado(a) pelos seguintes problemas? *

Por favor, escolha a resposta mais apropriada para cada item:

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior.					
2. Desmaios ou tonturas					
3. Dores sobre o coração ou no peito.					
4. Pensamentos de acabar com a vida.					
5. Sentir um medo súbito sem razão para isso.					
6. Sentir-se sozinho(a).					
7. Sentir-se triste.					
8. Não ter interesse por nada.					

9. Sentir-se atemorizado(a).					
10. Vontade de vomitar ou mal-estar no estômago.					
11. Sensação de que lhe falta o ar.					
12. Calafrios ou afrontamentos.					
13. Sensação de anestesia (encorticiamento ou formigueiro) no corpo.					
14. Sentir-se sem esperança perante o futuro.					
15. Falta de forças em partes do corpo.					
16. Sentir-se em estado de tensão ou aflição.					
17. Ter ataques de pânico ou terror.					
18. Sentir-se tão desassossegado(a) que não consegue manter-se sentado(a) quieto(a).					
19. Sentir que não tem valor.					

PCL-V

A seguir encontra uma lista de problemas que por vezes as pessoas após acontecimentos traumáticos/ stressantes. Considerando o acontecimento que referiu, por favor leia cada frase que se segue e assinale o número que melhor corresponde à sua opinião sobre em que medida se aplica a si no último mês.

No último mês quanto foi afetado por: *

Por favor, escolha a resposta mais apropriada para cada item:

	Nada	Um pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente
1. Memórias repetidas, indesejadas e perturbadoras do acontecimento?					
2. Sonhos repetidos e perturbadores sobre o acontecimento?					
3. De repente sentir ou agir como se o acontecimento estivesse a ocorrer novamente (como se o estivesse a reviver)?					
4 . Sentir-se muito transtornado quando alguma coisa lhe fazia lembrar o acontecimento?					
5. Ter reações físicas intensas quando algo lhe fazia lembrar o					

acontecimento (ex: batimento cardíaco acelerado, dificuldade em respirar, suores)?					
6. Evitar recordações, pensamentos ou sentimentos relacionados com o acontecimento?					
7. Evitar coisas que lhe lembrassem o acontecimento (ex: pessoas, locais, conversas, atividades, objetos ou situações)?					
8. Ter dificuldades em lembrar-se de partes importantes do acontecimento?					
9. Ter crenças negativas fortes sobre si mesmo, os outros ou o mundo (ex: ter pensamentos como: Eu sou má pessoa, há alguma coisa muito errada comigo, ninguém é de confiança, o mundo é absolutamente perigoso)?					

10. Culpabilizar-se a si ou a outra pessoa pelo acontecimento, ou pelo que aconteceu a seguir?					
11. Ter sentimentos negativos muito intensos, tais como medo, horror, fúria, culpa ou vergonha, por lhe ter acontecido o que aconteceu?					
12. Perder o interesse por atividades de que costumava gostar?					
13. Sentir-se distante ou desligado das outras pessoas?					
14. Ter dificuldades em experienciar sentimentos positivos (ex: ser incapaz de se sentir feliz ou carinhoso com pessoas que lhe são próximas)?					
15. Comportamento irritável, acessos de raiva ou agir de forma agressiva?					

16. Correr demasiados riscos ou fazer coisas que lhe podem causar dano?					
17. Estar constantemente alerta, vigilante ou em guarda?					
18. Sentir-se agitado ou facilmente assustado?					
19. Ter dificuldade em concentrar-se?					
20. Ter problemas em adormecer ou manter-se a dormir?					

Obrigada pela colaboração!

Se achares necessário, segue-se uma lista de linhas de apoio:

SOS Voz Amiga

Horário: Diariamente das 15:30 às 00:30

Contacto Telefónico: 213 544 545 | 912 802 669 | 963 524 660

Conversa Amiga

Horário: 15:00 – 22:00

Contacto Telefónico: 808 237 327 | 210 027 159

Telefone da Amizade

Horário: 16:00 – 23:00

Contacto Telefónico: 222 080 707

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

Horário: Dias úteis das 09h às 21h

Contacto telefónico: 116 006

FACULDADE DE DIREITO

